

LOGÍSTICA no Exército

Conheça a atual estrutura



Em entrevista, Dr. Flavio Flores da Cunha
Bierrenbach, Ministro do Superior Tribunal
Militar: "Cada povo tem seu homem decisivo"

Terremoto no Haiti:
As ações do
Exército Brasileiro



A POUPEX ABRE AS PORTAS DA CASA PRÓPRIA PARA VOCÊ.

As melhores condições para aquisição de imóvel residencial ou comercial, novo ou usado, construção de imóvel residencial e para aquisição de terreno e de material de construção.

**Financiamento
Imobiliário**

POUPEX

Faça já o seu

0800 61 3040

www.casapropriapoupex.com.br

AGÊNCIA POUPEX - SETOR BANCÁRIO SUL

SBS - Qd 01 - Bl C - Lj 22 e 23 (Ed Financial Center Parking) - 70070-110
Brasília-DF - Fone (61) 3322.2800 - Fax (61) 3322.2727

POUPEX

Associação
de Poupança
e Empréstimo

poupex.com.br



Editorial

VERDE-OLIVA – ANO XXXVIII – Nº 204 – JAN/FEV/MAR 2010

Caro leitor

Cumprindo sua vocação de sempre trazer informações atualizadas sobre a Força Terrestre e temas correlatos com qualidade, esta edição da **Revista Verde-Oliva** se inicia com a entrevista do Dr. **Flavio Flores da Cunha Bierrenbach**, à época Ministro do Superior Tribunal Militar. Em seguida, percorreremos os caminhos da logística no Exército Brasileiro, foco central desta edição. Vamos acompanhar sua evolução histórica, que culminou com a criação do Comando Logístico (COLOG), uma nova estrutura organizacional, com moderna concepção de emprego e nova postura para sua execução no Exército Brasileiro.

Essa visão sistêmica remete a um processo de modernização e de busca de novos conceitos do suporte logístico. Para compreendermos essa moderna realidade organizacional e funcional, há matérias específicas sobre os órgãos subordinados ao COLOG, tais como a Diretoria de Material (DMat), a Diretoria de Fiscalização de Produtos Controlados (DFPC) e a Diretoria de Material de Aviação (DMAvEx).

O artigo sobre o Laboratório de Análise de Material de Intendência (LAMI) nos apresenta um órgão com instalações únicas no Exército, para bem cumprir sua missão de aperfeiçoar o controle de qualidade do fardamento e do

equipamento adquiridos pela Força em apoio aos processos de aquisição. No tema seguinte, o Laboratório de Inspeção de Alimentos e Bromatologia (LIAB).

Ainda no campo logístico, podemos conhecer os trabalhos envolvidos na produção do “cavalo militar” e atividades correlatas necessárias, desenvolvidos pela Coudelaria de Rincão (RS), cuja meta é suprir todas as necessidades de equinos do Exército. Como encerramento do tema, acompanhamos a criação da Base de Apoio Logístico do Exército, dentro desse processo de reestruturação da logística militar terrestre.

Boa parte da história militar do Brasil, a partir do início do século XIX, pode ser acompanhada na trajetória do 6º Batalhão de Infantaria Leve - Caçapava (SP). O “Regimento Ipiranga” está intimamente ligado a vários acontecimentos que marcaram nossa história nesse período. Interessante, também, acompanhar o trabalho da Policlínica Militar de Niterói (RJ), prestando assistência no sentido de melhorar a qualidade de vida e a satisfação da família militar da guarnição.

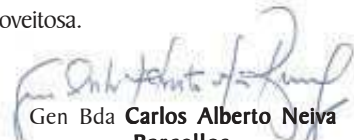
O Brasil, em sua riqueza histórica, pode ser vislumbrado nos textos em homenagem aos 130 anos de falecimento do General **Osório**; no cruzamento da imigração e colonização alemã no sul do País com o relato de criação do 19º Batalhão de Infantaria Motorizado; os

fortes construídos na Bahia (6ª Região Militar) confundindo-se com a fundação da cidade de Salvador; os 60 anos da trajetória da Escola Superior de Guerra e as ilustres personalidades do cenário político que por ela passaram; e, por fim, a Batalha do Jenipapo, decisiva para a Independência do Brasil e a consolidação do território nacional.

Entre os temas mais recentes, **Verde-Oliva** traz a Operação Laguna, um Exercício de Adestramento Combinado realizado pelas Forças Armadas Brasileiras no estado do Mato Grosso do Sul, um relato sobre a catástrofe provocada pelo terremoto no Haiti, destacando as ações do EB e uma homenagem aos heróis que morreram no cumprimento dessa missão de paz.

Encerrando nossas matérias, há um texto alusivo às comemorações do centenário da Diretoria de Controle de Efetivos e Movimentações (DCEM) e, como “personagem de nossa história”, fechamos a **Verde-Oliva** com uma personalidade intrinsecamente ligada à logística: o Marechal **Olympio Falconieri da Cunha**.

Tenham todos uma leitura bastante proveitosa.


Gen Bda **Carlos Alberto Neiva Barcellos**
Chefe do CCOMSEx

PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO (CCOMSEx)

Chefe do CCOMSEx:

Gen Bda Carlos Alberto Neiva **Barcellos**

Subchefe do CCOMSEx:

Cel QMB QEMA Eduardo Arnaud Cypriano

Chefe de Produção e Divulgação:

Cel Cav QEMA Hertz Pires do Nascimento

CONSELHO EDITORIAL

Cel Cav QEMA Fabiano Souto Martins

Cel Cav QEMA Hertz Pires do Nascimento

Cel R/1 Jefferson dos Santos Motta

SUPERVISÃO TÉCNICA

Cel R/1 Jefferson dos Santos Motta

REDAÇÃO

Maj QCO Edson de Campos Souza

Cap QCO Ana Claudia Bastos Roen dos Santos

PROJETO GRÁFICO

1º Ten QAO Adm G Osmar Leão Rodrigues

1º Ten OTT Aline Sanchotene Alves

1º Ten QCO Karla Roberta Holanda Gomes Moreira

ST Inf Pallemberg Pinto de Aquino

COORDENAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO

Centro de Comunicação Social do Exército

IMPRESSÃO

GRÁFICA BRASIL

Polo de Desenvolvimento JK – Trecho 01

Conj. 09/10/22 – 72549-545 – Santa Maria-DF

Fone: (61) 3262-1614

TIRAGEM

30.000 exemplares – Circulação dirigida

(no País e no exterior)

FOTOGRAFIAS

Arquivo CCOMSEx

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Maria José dos Santos Oliveira – RP/DF/MS 3199

PERIODICIDADE

Trimestral

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Quartel-General do Exército – Bloco B – Térreo

70630-901 – Setor Militar Urbano – Brasília/DF

Telefone: (61) 3415-6514 – Fax: (61) 3415-4399

verdeoliva@exercito.gov.br

Disponível em PDF na página eletrônica

www.exercito.gov.br

NOSSA CAPA



Recorte da logística do
Exército Brasileiro: instalações
do 11º Depósito de Suprimento
(Brasília-DF)

É permitida a reprodução de artigos, desde que citada a fonte, exceto das matérias que contiverem indicação em contrário.



Sumário

Acompanhe nesta Edição

- 06** Entrevista - Dr. Flavio Flores da Cunha Bierrenbach
- 09** A criação do Comando Logístico
- 13** Logística Operacional - Um objetivo a ser alcançado
- 16** Diretoria de Material - Projetos, manutenção, aquisições e modernização
- 21** Diretoria de Fiscalização de Produtos Controlados
- 22** Diretoria de Material de Aviação do Exército - Fazer voar e combater
- 25** Laboratório de Análise de Material de Intendência
- 27** A inspeção de alimentos
- 29** Coudelaria de Rincão - Remonta e Veterinária
- 31** Base de Apoio Logístico do Exército - Uma realidade
- 33** Regimento Ipiranga - 6º Batalhão de Infantaria Leve
- 36** Policlínica Militar de Niterói - Assistência à saúde de primeiro mundo



09



Foto: Asp Aline

44



57



Foto: Sgt Johnson Barnes - FAB

53

- 38** Coragem! Eu venci o mundo - Homenagem aos 130 anos de falecimento do General Osório
- 40** A Imigração Alemã no Brasil e o 1º Batalhão de Infantaria Motorizado
- 44** Os Fortes da 6ª Região Militar
- 49** Escola Superior de Guerra - 60 anos de trajetória
- 51** Batalha de Jenipapo
- 53** Operação Laguna - Marinha, Exército e Aeronáutica na Fronteira Oeste
- 57** Terremoto no Haiti
- 63** 100 anos da DCEM*
- 66** Personagem da Nossa História - Marechal Olympio Falconieri da Cunha

* Diretoria de Controle de Efetivos e Movimentações



Espaço do Leitor

redacao@exercito.gov.br

“Quero aqui parabenizar a equipe **Verde-Olive** pela excelente edição especial de nº 202, que trata da atuação das tropas brasileiras na missão das Nações Unidas (MINUSTAH). Deixa bem claro o trabalho dos brasileiros, desde a preparação até o cumprimento da missão. A tropa brasileira já era uma mão amiga e agora, com o terremoto que atingiu o Haiti, é que eles vão precisar mais ainda da nossa ajuda. Parabéns!”

Fábio Cesar Mattos
Ex-integrante da MINUSTAH
Barra do Garças-MT

“Meus parabéns à Revista **Verde-Olive** do trimestre passado pela reportagem de capa sobre o nosso Sistema Colégio Militar do Brasil. Pode-se perceber o empenho em buscar informações concretas e atualizadas, belas fotos e, em minha percepção, emocionantes relatos de conquistas de alunos, proporcionando uma ótima oportunidade de conhecimento do Sistema aos leitores. Como integrante do SCMB, fiquei muito feliz com o destaque que deram a nossos Colégios.

Maj Maria Cristina Santiago da Silveira
Colégio Militar de Juiz de Fora

“A Revista **Verde-Olive** especial sobre a participação do EB no Haiti, além de mostrar os avanços que a presença brasileira está conseguindo naquele sofrido país, através das missões executadas pelos militares brasileiros, ainda traz uma radiografia de como funcionam os departamentos que cuidam das missões de paz na ONU, assim como a participação brasileira neles. Sem sombra de dúvidas, um material de leitura obrigatória para aqueles que se dedicam ao estudo das relações internacionais e diplomacia.”

Luiz Eduardo Silva Parreira
Advogado e estudioso de Relações Internacionais
e Direito Internacional

“Contando com a gentileza do Chefe de Instrução do Tiro de Guerra local, tenho recebido periodicamente a Revista **Verde-Olive**. Apraz-me estar informado sobre as atualidades e história do nosso Querido Exército e, nessa última edição, verificamos a grandeza e importância dos Colégios Militares no desenvolvimento de seus alunos na esteira de nossa Nação. Parabéns!”

Elcimar Almeida de Paula, Ten Cel PMMG
Comandante do 31 BPM
Conselheiro Lafaiete-MG

“Recebemos com muita alegria a **Verde-Olive** nº 203, que tem como capa nossos alunos vencedores do Sistema Colégio Militar do Brasil. Pela excelente qualidade da matéria e fotos, com certeza, é uma ferramenta poderosa de divulgação institucional do SCMB e do Exército.”

Cap Valéria Souto
Colégio Militar de Juiz de Fora

“Recebi um exemplar da Revista **Verde-Olive** pouco tempo após a solicitação que fiz. Espero continuar recebendo regularmente, já que elas me são muito úteis, pois escrevo mensalmente uma publicação no Círculo Militar de Campinas em que coloco artigos de interesse de companheiros e do público em geral. Quero externar meus sinceros agradecimentos. Um abraço amigo aos companheiros.”

Cel Ref Eliz Luiz T. Serafim
Campinas-SP

Caro Leitor,

Nesta primeira edição de 2010, gostaríamos de lembrar que este espaço é reservado para você. Envie a sua opinião, que é de extrema importância para nós.

Equipe Verde-Olive

Erramos: Edição nº 203, página 50, 1º parágrafo - onde se lê “Panizutti”, leia-se “Panizzutti”; onde se lê “28 de julho de 1834”, leia-se “28 de julho de 1934”.

O Dr **Flavio Flores da Cunha Bierrenbach** é natural da cidade de São Paulo-SP e, por ocasião da entrevista, era Ministro Togado do Superior Tribunal Militar.

Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, foi bolsista da Inter-American University Foundation da Universidade de Harvard, USA, e fez o curso de pós-graduação em Direito Constitucional na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Advogado, inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil, foi Procurador do Estado de São Paulo, por concurso público. Participou como membro de inúmeros conselhos, comissões e associações que enobrecem a sua carreira de magistrado.

Foi Vereador à Câmara Municipal de São Paulo, Deputado Estadual e Deputado Federal também por São Paulo, este último no período de 1983 a 1986.

Autor de várias publicações, o Ministro Dr **Flavio Bierrenbach** possui inúmeros títulos e condecorações civis e militares.

Nomeado Ministro do Superior Tribunal Militar, em dezembro de 1999, foi eleito Vice-Presidente daquela Corte no biênio 2005/2007.

Convidado pelo CCOMSEx, nas páginas que seguem os ilustres leitores conhecerão a opinião do Ministro, nas perguntas formuladas pela Revista VO.

Revista VO – Ministro, como o senhor vê a aprovação da Lei da Anistia no ano de 1979?

Dr. Flavio Bierrenbach – No ano de 1979, o ciclo militar implantado no Brasil, a partir de 1964, completava 15 anos e já dava sinais de esgotamento. Nas eleições de 1974 e 1978, e na eleição municipal de 1976, a oposição já tivera estrondosas vitórias. Então, em 1979, o movimento pela anistia já havia chegado às ruas.

É preciso dizer que esse movimento começou com a mulher de um militar, Dona **Terezinha Zerbini**, viúva do General **Euríades Zerbini**. Tendo à frente a bandeira de luta da anistia, percorreu praticamente todo o País, sensibilizando tanto a sociedade civil como alguns integrantes das Forças Armadas, e isso ocorreu porque a anistia é uma tradição histórica brasileira.

Na República, a partir de sua proclamação, o Brasil teve nove anistias, vivendo uma democracia intermitente a partir dessa data. Todos os movimentos político-militares, alguns deles com grande derramamento de sangue, só permitiram o reencontro da sociedade brasileira depois que veio a anistia. Porém a anistia não é uma tradição republicana, ela é uma tradição que precede a República.

Durante a Regência e durante o Império, o Brasil também viveu oito revoltas regionais, algumas delas de caráter separatista. O Brasil poderia ter tido o mesmo destino da América Espanhola, que se fragmentou em uma dezena de países.

Hoje, esses nomes são todos pitorescos. Aprende-se no estudo da história do Brasil sobre a Cabanagem, no Pará; a Balaiada, no Maranhão; a Insurreição Praieira, em Pernambuco; a República Juliana, em Santa Catarina; e a Guerra dos Farrapos, que durou dez anos, no Rio Grande do Sul, mas a história registrou que esses movimentos foram extraordinariamente sangrentos, deixando marcas profundas na sociedade brasileira.

D. **Pedro II**, o Imperador, não custava a anistiar os vencidos. O **Duque de Caxias** passou para a história com o codinome de “O Pacificador” porque anistiava, porque estendia a mão para os vencidos, porque perdoava os excessos, que, numa época de exceção, são sempre cometidos por todos os lados.

Em 1979, o Brasil estava chegando nesse ponto. Mais do que um território, do que um Estado e mais do que uma etnia, o que caracteriza uma Nação é um projeto de convivência, um projeto de convivência comum entre as pessoas. Um é militar, outro é civil, moram em lugares diferentes. Porém, agora, a Pátria comum impôs um projeto de convivência. A anistia é o coroamento do projeto de convivência no qual se busca, em primeiro lugar, fazer a reconciliação entre irmãos que se odiavam, estavam se matando uns aos outros. Em segundo lugar, busca-se a verdade, porque o povo tem o direito de saber a verdade sobre a sua história.

Então, a reconciliação implica olhar para a frente; e a verdade, olhar para trás. O momento da anistia exige esses dois movimentos: olhar à frente, para estender a mão, e olhar para trás, para saber o que foi feito.

Há um filósofo que diz que a história tem de ser contada, até para que ela não seja repetida. A nossa história, a história do Brasil, tem momentos de grande altivez, tem momentos de grande generosidade, que nos enchem de orgulho, mas também tem momentos escabrosos e abjetos, e é preciso que sejam conhecidos, não é possível esquecê-los.

No tempo da anistia, eu era Deputado Estadual em São Paulo quando foi convocada a Assembléia Nacional Constituinte, nos anos de 1985 e 1986, ocorrendo um grande processo de negociação, e o tema foi amplamente debatido.

Portanto, na minha avaliação, eu penso não existir base jurídica ou política para punições. Agora, para a abertura de arquivos, sim, para contar a história tal como ela aconteceu. Essa é a minha opinião.

“Então, a reconciliação implica olhar para a frente; e a verdade, olhar para trás. O momento da anistia exige esses dois movimentos: olhar à frente, para estender a mão, e olhar para trás, para saber o que foi feito.”

Dr. Flavio Flores da Cunha Bierrenbach
Ministro do Superior Tribunal Militar



Revista VO – Ministro, o senhor acredita que a Lei da Anistia vem cumprindo os seus objetivos?

Dr. Flavio Bierrenbach – A Lei da Anistia vem cumprindo os seus objetivos, porque, naquela época, em 1979, permitiu, como era o seu principal foco, que regressassem grandes contingentes de brasileiros proscritos do território nacional, por que faziam parte do polo afastado do poder.

Tivemos Presidente da República, Governadores de Estado que voltaram para o Brasil. O Presidente **Fernando Henrique Cardoso** foi anistiado; o Governador de São Paulo, **José Serra**, está aí participando do processo político; e o Governador **José Arraes** voltou depois de muito tempo no exílio, por ser uma figura abominada por alguns setores do regime da época. Voltaram e a vida prosseguiu com esse projeto de convivência entre contrários.

A história do Brasil mostra que a unidade das soluções sempre é fruto da pluralidade das ideias.

Revista VO – Qual a sua opinião a respeito da revisão da Lei da Anistia?

Dr. Flavio Bierrenbach – Na verdade, como Juiz do Superior Tribunal Militar, desde que entrei no judiciário, procurei não opinar a respeito de temas que, em primeiro lugar, estejam em discussão no Congresso Nacional, que é um outro palco, um outro cenário no qual eu não atuo mais, e, em segundo lugar, a própria lei não me permite opinar a respeito de qualquer processo que amanhã ou depois possa chegar ao meu julgamento.

Então, eu não tenho uma opinião política a respeito da revisão da Lei da Anistia. Acho que essa anistia basicamente cumpriu com os seus objetivos, mas o lapso de tempo que decorreu de 1979 até hoje, eventualmente, exigirá alguns ajustes.

Revista VO – O senhor se referiu ao Patrono do Exército, Duque de Caxias, pela alcunha que teve de “O Pacificador”, devido à forma com que tratava os seus oponentes. Qual a sua opinião a respeito desse aspecto do **Duque de Caxias**?

Dr. Flavio Bierrenbach – Eu acho que são dois assuntos que correm paralelos, como se fossem trilhos de uma

estrada de ferro. **Caxias** e a Anistia são duas paralelas da nossa história.

O historiador contemporâneo **Arnold Toynbee**, talvez o historiador mais referenciado de todos, diz que, em todas as nacionalidades, em todas as histórias, cada povo tem o seu homem decisivo ou seus homens decisivos. E, na história do Brasil, existem dois homens decisivos. Homem decisivo, no nosso caso, significa aquele que, se não tivesse existido, o Brasil não seria o que é, seria outra coisa.

Eu digo isso porque o Brasil deve sua feição geográfica atual, o seu tamanho e a sua integridade a um homem e a uma circunstância. O homem foi **Caxias** e a circunstância foi o Café. O Café deu ao Império os recursos para ter um Exército e **Caxias** deu a esse Exército comando e nacionalidade, valores que o Exército não tinha naquela época.

O Exército Brasileiro era desarticulado, os oficiais, em sua maioria, eram estrangeiros e mercenários. **Caxias** foi quem deu essa característica que é vital para qualquer Exército – a nacionalidade, e também o comando.

No Império, sem dúvida alguma, **Caxias** foi a figura responsável pela nossa unidade nacional e, na República, foi o **Barão do Rio Branco**, com seu patriotismo, sua habilidade e sua extraordinária capacidade de trabalho. **Rio Branco** na República e **Caxias** no Império foram os homens que forjaram o tipo de civilização que o Brasil veio a ter no Século XIX.

*Revista VO – **Caxias** foi integrante do Superior Tribunal Militar. Qual a contribuição que ele deixou para a Justiça Militar?*

Dr. Flavio Bierrenbach – Curioso que, dos grandes vultos militares que o Brasil teve, nos tempos do Império, quase todos fizeram parte da justiça militar. **Caxias** e **Tamandaré** fizeram parte da Corte Militar, que, naquela época, chamava-se Conselho Supremo Militar de Justiça. E, embora participando do Conselho de Ministros e tendo deixado marcas não apenas no Exército, mas também na própria Administração Pública, mesmo assim o **Duque de Caxias** fez com que a sua presença na Corte Militar fosse sentida e, até hoje, quando se cuida de determinados assuntos em que a fronteira entre a infração disciplinar e o crime não se revela bem nítida, nós recorremos a uma jurisprudência do tempo de **Caxias**.

Revista VO – Gostaríamos de saber que avaliação o senhor faz do Exército Brasileiro na atualidade?

Dr. Flavio Bierrenbach – Eu tenho sido testemunha

presente da atuação do Exército Brasileiro dentro e fora de nossas fronteiras.

Eu estive, nesses últimos anos, sete vezes no Timor Leste. Timor Leste é um país pequeno, menor do que o estado de Sergipe, antípoda do Brasil, e não existe lugar mais longe. Eu costumo brincar dizendo que para ir ao Timor Leste, saindo do Brasil, tanto faz ir para qualquer lado. Indo em qualquer direção e fazendo qualquer percurso, vai se chegar ao Timor Leste, depois de 35 horas de voo e mais tantas horas de espera em aeroportos.

No Timor Leste, encontrei uma tropa brasileira pequena, cerca de 160, 170 homens contribuindo para a consolidação do processo de paz daquele País, assolado por uma ocupação brutal por parte da Indonésia. Uma guerra silenciosa, uma guerra esquecida, que não ganhou as manchetes dos jornais, mas matou um quarto da população timorense.

Depois que a paz foi conseguida, formou-se lá uma tropa de manutenção de paz, sob a égide das Nações Unidas, e o Brasil passou a ter uma presença importante.

Eu fui responsável, durante alguns anos, pela coordenação de um projeto de cooperação na área da justiça, tendo o Brasil enviado para lá vários juízes, promotores, defensores públicos e técnicos judiciários.

Nas primeiras vezes em que lá estive, as condições eram precaríssimas e eu ficava nas barracas junto com os soldados do Exército Brasileiro, muito bem instalado e de acordo com o que tinha de melhor.

Dessa forma, sou testemunha do respeito que os militares brasileiros granjearam não só da população timorense local – povo sofrido e vivendo no limite da miséria –, mas também das outras tropas que lá estavam: australianos, neozelandeses, hindus e outros. Dava para perceber a integração dos brasileiros com aquela gente.

É pena que esse contingente hoje esteja reduzido a um número tão pequeno de militares e que a presença do Brasil não seja tão marcante como era 7 ou 8 anos atrás. O Timor Leste, embora distante e afastado de tudo, faz parte da comunidade de países de língua portuguesa.

O Brasil mantém uma tropa grande no Haiti, mas, com a dimensão que possui e com a projeção que tem, quer ter e merece ter, no cenário internacional, as nossas participações em operações de paz serão crescentes, cada vez maiores, e para isso é preciso um Exército preparado e adestrado. —

“...na história do Brasil existem dois homens decisivos. (...) **Rio Branco na República e Caxias no Império foram os homens que forjaram o tipo de civilização que o Brasil veio a ter no Século XIX.**”

A criação do Comando Logístico



A história do Órgão de Direção Setorial responsável pela Logística do Exército Brasileiro tem sua origem na cidade do Rio de Janeiro, ao término da 2ª Guerra Mundial, em 1946, quando foi criado o Departamento Geral da Administração (DGA).

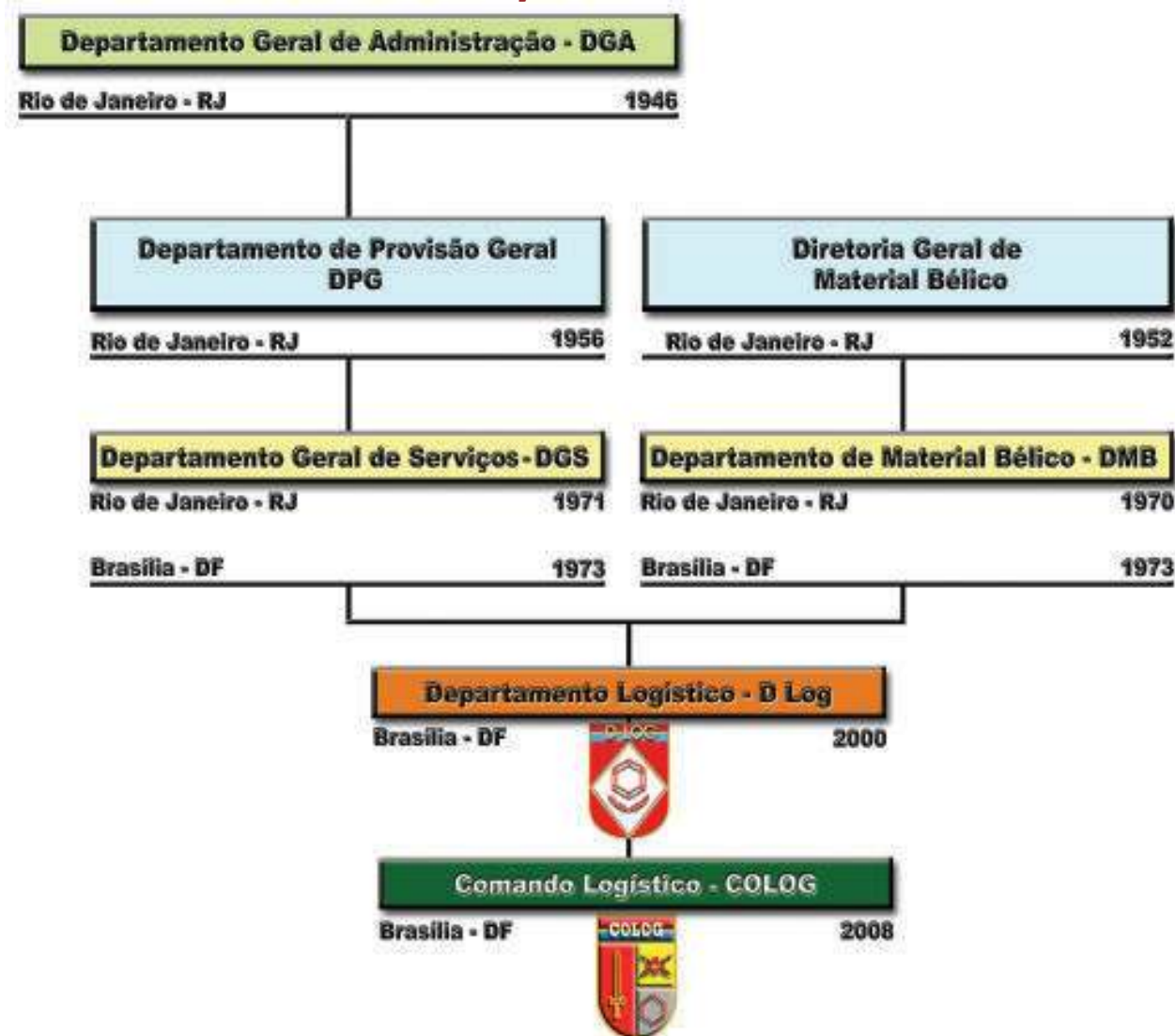
Em meados da década de 50 do século passado, o DGA evoluiu para Departamento de Provisão Geral (DPG) e, em 1970, foram criados os Departamento Geral de Serviços (DGS) e o Departamento de Material Bélico (DMB). Ainda naquela década, esses órgãos foram transferidos para a Capital Federal.

O Departamento Logístico (D Log) foi criado em 30 de outubro de 2000, por fusão do DGS e do DMB.

Por meio da Portaria nº 247, do Comandante do Exército, de 11 de maio de 2007, o D Log foi reconhecido como o legatário dos extintos DGS e DMB, garantindo-se, assim, a manutenção das tradições do DGS e do DMB e a preservação de parcela considerável da história da logística do Exército Brasileiro.

Em 2008, o D Log foi transformado no atual Comando Logístico (COLOG). O Exército procura, com isso, uma nova postura na execução de logística da Força Terrestre.

EVOLUÇÃO HISTÓRICA





Manutenção de viaturas Cascavel no Arsenal de Guerra de São Paulo



Leopard 1 A1 em ação



Transporte de viatura operacional por meio de aeronave



Base provisória do BRABAT 2 após o terremoto no Haiti

Plano de Gestão do COLOG

A transformação do Departamento Logístico em Comando Logístico foi um passo importante para uma nova postura na execução da logística no Exército.

A logística operacional passou a ter um tratamento prioritário, na busca de uma rápida evolução da estrutura de paz para uma situação de guerra ou de conflito.

É sempre importante ter em mente que um planejamento operacional só será viável se acompanhado de um plano de apoio logístico eficiente e eficaz.

Para a melhoria da gestão logística, o Comando Logístico visualiza, entre outras, as seguintes ações:

- implementar um sistema logístico eficaz, com ênfase na preparação efetiva de todos os seus integrantes (Comando, Diretorias, Regiões Militares, Órgãos Provedores, OM de Manutenção e demais OM);
 - buscar sempre a descentralização da execução das atividades logísticas;
 - inserir as Regiões Militares no planejamento, na execução e na fiscalização do processo logístico;
 - realizar a aquisição de suprimentos de qualidade por meio do processo de certificação dos produtos necessários à cadeia logística;
 - desenvolver sistemas automatizados e confiáveis de controle dos estoques de todas as classes de suprimento;
 - tornar a Base de Apoio Logístico do Exército um comando operacional da execução da logística, necessária ao emprego da Força Terrestre; e
 - tornar o processo de aquisição mais simplificado, objetivando a rapidez na aplicação dos recursos recebidos.
- Apesar da rapidez da adoção de muitas medidas necessárias à transformação do Departamento para Comando, muito há por fazer, o que exigirá de todos os integrantes do Órgão de Direção Setorial (ODS), de suas Diretorias e da Base de Apoio Logístico do Exército muita dedicação, soluções originais e criativas, determinação, profissionalismo e espírito de cumprimento da missão.

Não se pode prever apenas uma mudança de nome, mas uma real transformação na execução da logística no Exército Brasileiro. Só assim estaremos inseridos no espírito de grandes Chefes Militares, como, por exemplo, o Gen **Omar Nelson Bradley**, Comandante do Grupo-de-Exército Americano na frente francesa durante a 2ª Guerra Mundial, que dava prioridade absoluta à logística.

“ Todo meu empenho dedico à atividade logística, pois as decisões de cunho operacional são preocupações que não há por que exceder o nível de Tenente-Coronel ”

Gen Omar Nelson Bradley



BRABATT 2 recebe viaturas do COLOG, transportadas pelo navio Desembarque de Carros de Combate Almirante Sabóia, da Marinha do Brasil

Consolidação do Órgão Operacional do COLOG

Quando da publicação do Decreto para transformação do D Log em COLOG, muito trabalho já havia sido feito.

Reuniões foram se realizando e ideias foram surgindo, num trabalho prolongado e exaustivo, buscando aperfeiçoar um sistema que se adequasse às necessidades de uma logística moderna e eficiente.

No campo da logística, alguns conflitos internacionais

recentes trouxeram uma fonte imensamente rica de ensinamentos de suma importância e de profunda reflexão. A partir de então, a LOGÍSTICA ganhou destaque nos estudos dos especialistas e pensadores militares.

Pela primeira vez na história, durante a Guerra do Golfo, a “Logística” precedeu a “tática” no campo de batalha.

Outro aspecto essencial levado em conta nos estudos realizados são os esforços para que os suprimentos estejam sempre disponíveis, em qualidades e quantidades adequadas, nos locais e oportunidades em que forem necessários, devido a sua importância para a preservação do potencial humano e a influência que a sua existência exerce sobre o moral da tropa. Atento a essa evolução da Logística, o Exército Brasileiro, aproveitando o modelo já existente, que serviu como um farol, realizou adaptações, buscando uma logística operacional na dimensão e na grandeza da Força Terrestre.

Em dezembro de 2008, nascia o COMANDO LOGÍSTICO, que é um amálgama de uma nova estrutura organizacional aliada a uma moderna concepção de emprego. —



Depósito de Suprimentos Classe I / SECO

ESTRUTURA DO COMANDO LOGÍSTICO



Dec nº 6.710, de 23 Dez 08.



Ao Comando Logístico (COLOG) compete orientar e coordenar o apoio logístico em todas as atividades de preparo e emprego da Força Terrestre, em conformidade com as diretrizes do Comando do Exército e do Estado-Maior do Exército, prevendo e provendo as funções logísticas de suprimento, manutenção e transporte, os recursos necessários ao Exército e as exigências de mobilização dessas funções.



À Diretoria de Material de Aviação do Exército compete prever e prover o suprimento e a manutenção do material de aviação do Exército relativo às classes II, III, V, VII, IX, X.*



À Diretoria de Fiscalização de Produtos Controlados cabe superintender as atividades referentes à fiscalização dos produtos controlados pelo Exército e dos materiais de emprego militar da gestão do COLOG, destinados à exportação.



À Diretoria de Material compete prever e prover os recursos e serviços necessários ao suprimento e à manutenção no Exército dos materiais referentes às classes III (lubrificantes), V (armamento), VI (material de engenharia) e IX (material motomecanizado).



À Base de Apoio Logístico do Exército cabe realizar aquisições, distribuição, transporte, manutenção e execução de serviços e coordenar o desembaraço alfandegário de importação de material. Para isso, enquadra organizações militares de apoio logístico e atua em proveito do Exército, inclusive nas missões de paz.



À Diretoria de Abastecimento cabe prever e prover os recursos necessários ao suprimento e à manutenção no Exército dos materiais referentes às classes I (subsistência), II (intendência), III (combustíveis), V (munição) e X (materiais não incluídos em outras classes) e relativos à remonta e à veterinária.

Logística eficiente é poder de combate

* II - Intendência; III - Lubrificantes; V - Armamento e Munição; VII - Comunicações, Guerra Eletrônica, Eletrônica e Informática; IX - Material Motomecanizado; X - Materiais não incluídos em outras classes.

Logística Operacional

Um objetivo a ser alcançado

A Logística Operacional tem sido vista como um novo conceito ou preceito. Muitos se atrevem a explicá-la, mas não conseguem ou ficam presos a conceitos tradicionais, fato que torna o tema pouco compreendido em sua profundidade, no exercício real da atividade e dentro dos parâmetros doutrinários. O Exército, em sua contínua evolução, procura se reestruturar e se modernizar. Essa realidade não é diferente em relação à logística, em especial ao torná-la operacional.

A História Militar brasileira apresenta vários episódios nos quais o Exército logrou obter a operacionalidade da logística, como a Campanha da Tríplice Aliança, a Revolta de Canudos e a Campanha do Contestado, entre outros, que se tornaram marcos importantes a servirem de referência ao perfeito entendimento desse objetivo.

Desde então, busca-se o aperfeiçoamento nessa área, prendendo-se à necessidade de, em curto espaço de tempo, equipar, reequipar, suprir, ressuprir e manter os equipamentos das tropas que participam das operações, assim como a estrutura que será mobilizada e utilizada no

conflito, além de realizar os transportes necessários para a zona de ação e, em tempo de paz, tornar aptas a um pronto emprego as mais diversas OM do Exército.

A 2ª Guerra Mundial foi outro marco importante, pois a mobilização, em níveis estratégicos de pessoal e material, foi posta em prática com o intuito de organizar uma Força Expedicionária composta por mais de 25 mil homens para uma campanha além-mar, mais precisamente, nos campos de batalha no norte do território italiano, em ambiente operacional totalmente diferente do conhecido pelo Exército, confrontando a logística e os demais meios de combate.

Em 1988, com a adoção da Organização Básica do Exército (OBE), foi adotada uma nova definição de Logística, apresentada, então, com novas estruturas, dentro de um início de uma divisão sistêmica, abandonando-se o enfoque de apoio administrativo.

Aquela nova concepção substituiu com vantagens a anterior, pois o apoio deixou de ser o administrativo, voltado apenas para a paz, e passou a ser o logístico, com enfoque

31º Batalhão de Infantaria em forma (1897)

Na Campanha de Canudos, o grande problema da força expedicionária era a falta de gêneros, pairando constante a ameaça da fome e da sede.





Desembarque de suprimentos no Haiti

dual, paz e guerra, enfeixando o ciclo de manuais dessa série e tornando-se um marco no pensamento doutrinário de Logística da Força Terrestre.

Nesse evoluir, em 2000, foi criado o Departamento Logístico (D Log), no contexto de um amplo projeto, pela fusão do Departamento de Material Bélico e do Departamento Geral de Serviços em um único órgão, agora estruturado por “Funções Logísticas”. Diversas diretorias foram extintas, assim como parques e depósitos foram reagrupados. A partir de 2006, foi adotado, em caráter experimental, um novo quadro organizacional para o D Log, que, em sua fase de consolidação e estudos, redundou, de forma lógica e inevitável, na criação do Comando Logístico, em 2008, objetivando, decisivamente, aproximar a Estrutura Militar de Paz à Estrutura Militar de Guerra (EMG).

Essas alterações têm justamente o propósito de adaptar a estrutura logística à evolução do combate moderno, considerando a atual conjuntura do País e as novas características dos conflitos, que tornam obsoleta a concepção do apoio logístico baseada numa lenta transição da situação de paz para a de guerra.

Hoje, as estruturas devem rapidamente ser modificadas e adaptadas para eventos de curta duração e alta intensidade e, posteriormente, para uma fase na qual predomina a incerteza do conflito impondo novas transformações. Nesse contexto, as funções logísticas – Recursos Humanos, Saúde, Manutenção, Transportes, Engenharia, Suprimento e Salvamento – devem ser capazes, fácil e rapidamente, de adaptar a logística para um eficiente, eficaz e efetivo apoio às operações, particularmente às conjuntas, nas quais as três Forças operam dentro de um quadro estratégico em prol da nação brasileira.

A partir de 2008, com o advento da Estratégia Nacional de Defesa, o planejamento das Operações Combinadas ganhou ênfase. O COLOG passou a participar efetivamente dos planejamentos das diversas operações baseadas nas Hipóteses de Emprego. Procura-se, assim, permitir que as operações logísticas e as manobras, em todos os níveis, sejam concebidas e estudadas em conjunto, pois, se pouco atentar-se para as implicações daquelas ações sobre estas e vice-versa, obter-se-á somente um grave equívoco no planejamento e na execução da manobra.

A logística, no Exército Brasileiro, é desenvolvida pela

estrutura física composta do COLOG e suas Diretorias, pelas Regiões Militares/ Divisões de Exército e Brigadas, que conseguem, por intermédio das suas OM logísticas subordinadas, operacionalizar as demandas desde o tempo de paz e intensificando-as nas operações, principalmente na área de suprimento, manutenção e transporte.

Dentro dessa nova óptica, foi criada a Base de Apoio Logístico, sediada no Rio de Janeiro, objetivando trabalhar em proveito da logística da Força como um todo e também apoiar as missões de paz. Participa de aquisições, armazenamento, transporte, manutenção e coordena o desembarque alfandegário de importação e exportação de material.

O planejamento logístico é imprescindível para o sucesso do emprego das OM, daí a permitir, por meio da correta e corrente execução, que o êxito operacional seja alcançado pelas tropas empregadas. O êxito da operação depende diretamente do eficiente, eficaz, efetivo e contínuo apoio logístico. Deve-se correlacionar o planejamento da manobra com o logístico que lhe serve de fundamento, atendendo tanto às condicionantes de tempo e espaço, quanto às de quantidade e qualidade dos meios. Portanto, requer cuidadosa previsão, de modo a garantir sua oportunidade e consequente validade. Exige, ainda, uma antecipação de ações, que será tanto maior quanto mais amplos e complexos forem os problemas a serem solucionados. Deve ser flexível, permitindo a possibilidade de desencadeamento de ações alternativas. Esse entendimento leva a considerar



Módulo logístico de cozinha em contêiner

a ocorrência de uma logística operacional como um objetivo a ser alcançado, pois permite às tropas empregadas possuir capacidade de cumprir a missão que lhes foi atribuída.

Integrar a Logística ao planejamento e à execução das manobras nos diversos níveis de comando, desde o tempo de paz, é perceber que, sem uma logística operacional, integrada, estruturada e progressiva, coerente com o idealizado, dificilmente se obterá êxito. A meta almejada é de um apoio eficaz, de modo a permitir que o poder de combate das unidades empregadas em uma situação real seja sempre rapidamente repostado. Isso pode representar a diferença entre a derrota e a vitória, pois Logística eficiente é poder de combate. —



À esquerda e acima: apoio logístico na Operação de Paz no Haiti

Diretoria de Material

Projetos, manutenção, aquisições e modernização

PROJETOS DE MATERIAL DE ENGENHARIA

1. Engenharia Reversa da Portada Tática Leve

- Projeto: Engenharia Reversa da Portada Tática Leve.
- Gerente do Projeto: Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro.



Justificativa para o projeto

- Em uma transposição de curso de água, as portadas leves permitem a travessia das viaturas e das armas orgânicas de força de assalto e da artilharia leve;
- As Portadas Táticas Leves do Exército Brasileiro têm mais de vinte anos de uso e estão em estado de avançado desgaste. Muitas estão indisponíveis por falta de determinados componentes (principalmente braços telescópicos e pinos) que não poderiam ser substituídos, pela ausência de fornecedores;
- Em caso de mobilização, não haveria meios de se fabricar rapidamente tais equipamentos no Brasil.

Metas e situação do projeto

- Realizar a engenharia reversa da Portada – EXECUTADO;
- Produzir pacote técnico para fabricação da Portada – EXECUTADO;
- Qualificar fornecedores nacionais de matéria-prima

especializada (perfis de liga de Al) – EXECUTADO;

- Qualificar fornecedores nacionais de serviços de caldeiraria especializada – EXECUTADO;
- Fabricar um protótipo utilizável de cada peça da portada – EXECUTADO (exceto o flutuador);
- Fabricar uma equipagem completa de Portada Tática Leve – EM EXECUÇÃO;

2. Kits de Manutenção de Redes de Camuflagem

- Projeto: Kits de Manutenção de Redes de Camuflagem.
- Gerente do Projeto: Arsenal de Guerra de São Paulo.

Justificativa para o projeto

- Grande quantidade de redes de camuflagem indisponíveis;
- Cada Kit de manutenção permite reparar aproximadamente 100 (cem) redes de camuflagem;
- Por ser um projeto simples e que se vale da utilização de materiais de simples manuseio, a necessidade de treinamento técnico é mínimo.



Metas e situação do projeto

- Obter o maior número possível de redes de camuflagem em condições de uso;
- Aumentar a disponibilidade do material atrelada à otimização dos custos;
- Percentual do projeto concluído – 90% (noventa por cento) concluídos.

A IMPLANTAÇÃO DO 6º GLMF/CIF E O SUPORTE LOGÍSTICO INTEGRADO PARA SISTEMAS COMPLEXOS

O Sistema ASTROS encontra-se em uso no Exército Brasileiro desde a década de 1990. Esse sistema constitui-se em um Material de Emprego Militar (MEM) com características específicas e com alta tecnologia incorporada, necessitando, portanto, de um suporte logístico apropriado às suas necessidades.

Durante os períodos iniciais de operação do material, as ações de reposição de peças de suprimento, bem como a renovação da mão de obra especializada na manutenção e operação do equipamento, foram sendo reduzidas drasticamente, o que impactou diretamente na manutenção e na capacidade operativa dos equipamentos do sistema. Como medida saneadora do problema, a Força Terrestre decidiu reunir, em 2004, todos os materiais do sistema existentes no 6º Grupo de Lançadores Múltiplos de Foguetes (6º GLMF/CIF), na localidade de Formosa-GO.

Desde o início das ações, a gerência de implantação do 6º GLMF/CIF buscou estruturar a sua logística de modo a permitir a redução dos problemas existentes, particularmente em três campos da logística: o Suprimento, a Manutenção e os Recursos Humanos.

O Suporte Logístico Integrado do Sistema Astros



Até a reestruturação e a reorganização da Artilharia de Foguetes, em 2004, a manutenção de campanha (2º e 3º escalões) do Sistema ASTROS estava a cargo do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro (AGR), enquanto que a manutenção orgânica era encargo das OM detentoras do material, seguindo os escalões definidos no Manual C100-10 – Logística Militar Terrestre.

Durante os trabalhos de centralização dos meios no 6º

GLMF/CIF, verificou-se que as deficiências relacionadas à Logística do Sistema eram diretamente decorrentes da grande distância entre o órgão apoiador de manutenção e o detentor do material. Para reduzir o impacto desse fator, foi estruturada uma Seção de Manutenção do Material ASTROS no 6º GLMF, que atualmente realiza todas as atividades afetas ao 1º, 2º e 3º escalões de manutenção. Para que isso fosse possível, algumas ações foram necessárias, abrangendo as Funções Logísticas de Recursos Humanos, Suprimento e Manutenção.

Função Logística Suprimento

Os aspectos principais dessa função residem na rígida disciplina de suprimento, em um sistema de classificação por catalogação eficaz, em um planejamento e controle eficientes dos níveis de estoque dos itens de suprimentos necessários, no levantamento correto das necessidades, na obtenção e distribuição oportuna dos itens e no Controle/ Gerenciamento.

Para permitir essa atividade, o 6º GLMF mobilizou e opera um depósito de suprimentos dedicado ao Sistema ASTROS, onde todos os itens utilizados na manutenção do Sistema encontram-se catalogados.

Função Logística Manutenção

Dentro do princípio de que a manutenção deve buscar obter o máximo de disponibilidade e de confiabilidade do MEM, no menor prazo possível e com o melhor custo, a Seq Mnt ASTROS do 6º GLMF foi estruturada e possui equipamentos e ferramental necessários para permitir a execução de todas as atividades de manutenção, do 1º ao 3º escalão, na própria OM. Complementarmente, foi estabelecida, a partir de 2008, uma nova sistemática de manutenção e gerenciamento para o Sistema ASTROS, que permite um controle mais efetivo do MEM, exigindo um grau maior de

coordenação entre os diversos escalões e Diretorias envolvidos, visando, dentre outros objetivos, a uma adequada previsão orçamentária pelos elementos de apoio, ao incremento das necessárias coordenações entre os diferentes ODS e Classes da D Mat e à redução das dificuldades de gerenciamento e controle das atividades de manutenção e da disponibilidade de todos os subsistemas do MEM.

Função Logística

Recursos Humanos

A formação e a manutenção dos recursos humanos são fatores preponderantes para a logística do ASTROS II. Essa formação é realizada, atualmente, de forma centralizada, pelo Centro de Instrução de Artilharia de Foguetes (CIArt Fgt), localizado no 6º GLME.

Além da formação proporcionada pelo CIArtFgt, o EB celebrou e mantém em funcionamento, com a AVIBRAS, um contrato de prestação de serviços de Assistência Técnica ao 6º GLME, pelo qual a empresa

disponibiliza, permanentemente na OM, 02 (dois) técnicos: um na área de Mecânica e outro na área de Eletrônica.

A implementação das medidas nas áreas da Logística de Suprimento, Manutenção e Recursos Humanos, além de outras em implementação pela OM, demonstram que novas rotinas e processos podem e devem ser buscados visando à melhoria contínua dos processos de manutenção de equipamentos com alta tecnologia incorporada e que necessitam de conhecimentos específicos para sua operação e manuseio.

AQUISIÇÕES

O Exército Brasileiro adquiriu do Exército Alemão viaturas blindadas destinadas a dotar a 5ª Bda C Bld, 6ª Bda Inf Bld e as 1ª, 2ª e 3ª Bda C Mec. Os blindados, que incluem carros de combate Leopard 1 A5, viaturas socorro, viaturas lançadoras de pontes e viaturas de engenharia, foram integralmente mantidos e aperfeiçoados pela indústria alemã.

A aquisição incluiu, também, ferramental e equipamentos de manutenção, simuladores, capacitação de pessoal, dentre outros itens.

O recebimento das primeiras viaturas ocorreu em dezembro de 2009.

A VBC CC Leopard 1 A5 BR é a versão mais moderna da série Leopard 1, possuindo todas as características das versões anteriores, agregando aperfeiçoamentos no sistema de tiro, optrônicos e torre, esta última protegida por uma blindagem suplementar contra efeitos das granadas de carga oca.

As fotos a seguir apresentam as novas viaturas blindadas e as suas principais características.



Características		Modelo
		VBC CC Leopard 1 A5 BR
Guarnição		4
Armamento	Principal	Can 105mm L7
	Coaxial	Mtr 7,62 MG 3 A1
	Antiaérea	Mtr 7,62 MG 3
	Lç Fum	77 mm
Sistema de comunicações		Tadiran VRC 120 S
Peso	Vazio	40.200 Kg
	Em ordem de marcha	42.200 Kg



Características		Modelo
		VBC Engenharia Leopard 1
Guarnição		3
Armamento	Antiaérea	Mtr 7,62 MG 3
	Lç Fum	77 mm
Sistema de comunicações		Tadiran VRC 120 S
Peso	Vazio	42.500 Kg
	Em ordem de marcha	43.000 Kg



Características		Modelo
		VBE Lançadora-de-Ponte Leopard 1
Guarnição		2
Armamento	Lç Fum	77 mm
Sistema de comunicações		Tadiran VRC 120 S
Peso	Com a ponte	45.300 Kg
	Sem a ponte	35.100 Kg



Características		Modelo
		VBE Socorro Leopard 1
Guarnição		3
Armamento	Antiaérea	Mtr 7,62 MG 3
	Lç Fum	77 mm
Sistema de comunicações		Tadiran VRC 120 S
Peso	Vazio	39.200 Kg
	Em ordem de marcha	39.800 Kg

MODERNIZAÇÃO - Recuperação de viaturas sobre rodas

Embora o Exército Brasileiro tenha adquirido novos modelos de viaturas para emprego geral e para transporte de carga, que complementam as unidades de Artilharia e de Infantaria Motorizada, parte da frota de UNIMOG U-100L e U-1300L, MBB 1213 6x6, MBB 1819 6x6 e Engesa EE25 do Exército Brasileiro recebeu uma "sobrevida" com a modernização efetuada em 326 unidades, com a seguinte inserção do pacote tecnológico de modernização abaixo: "Upgrade" do motor; utilização de nova transmissão; novo sistema de freios; novos sistemas 100% pneumáticos; revitalização completa de chassis, cabines, carrocerias e demais agregados.

A modernização de veículos foi uma opção do Exército para aumentar a capacidade de transporte a custos mais baixos.

Dentre os projetos atualmente desenvolvidos nas áreas de manutenção, mecânica e modernização de viaturas, sob gestão da Classe IX da D Mat, destacam-se dois aspectos fundamentais: o primeiro é a preparação do veículo para as condições de terreno, clima, combustíveis e lubrificantes aos quais será submetido; o segundo é o de preparar o usuário final para garantir operacionalidade e longevidade ao veículo mantido. O investimento de recursos em projetos dessa natureza requer estudos de viabilidade técnico-econômica, avaliação de parâmetros como vida útil, valor de aquisição de uma viatura nova e uma série de outros quesitos. As fotos a seguir apresentam as viaturas e suas principais características:



Modelo	EE-25 ENGESA
Motor	OM 352
Potência	120 cv
Torque	34 mkgf
Tração	6x6
Comprimento	6,82 m
Largura	2,5 m
Altura	2,9 m



Modelo	MBB 1213
Motor	OM 352
Potência	120 cv
Torque	34 Kgm
Tração	6x6
Comprimento	7,2 m
Largura	2,5 m
Altura	2,8 m



Modelo	UNIMOG U100L
Motor	OM 366 A
Potência	136 cv
Torque	48 mkgf
Tração	4x4
Comprimento	5,5 m
Largura	2,3 m
Altura	3 m

SEJA UM OFICIAL DO EXÉRCITO BRASILEIRO

A Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEx) é um estabelecimento com mais de meio século de existência, que tem como missão preparar candidatos para ingresso na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN).

Duração do curso: 1 ano
Período de inscrição: todo ano, em junho e julho*
Como se inscrever: pela Internet (www.espcex.ensino.eb.br)
Provas: aplicadas em mais de 50 cidades no mês de setembro*
Mais informações: Av. Papa Pio XII, 350 Jd. Chapadão Campinas / SP - CEP 13.070-091 - (19) 3744-2051/2042
www.espcex.ensino.eb.br

* Sujeito a informações.

Diretoria de Fiscalização de Produtos Controlados

A competência da União para autorizar e fiscalizar a produção e o comércio de material bélico, prevista no inciso VI do art. 21 da Constituição Federal, é exercida pelo Exército Brasileiro. Essa fiscalização está amparada pelo Decreto nº 24.602, de 06 de julho de 1934, recepcionado como Lei pela Constituição da República Federativa dos Estados Unidos do Brasil, de 1934.

Antes da expedição desse Decreto, o Exército já exercia a atividade de fiscalização de Produtos Controlados por intermédio do “Serviço de Importação e do Despacho de Armas, Munições, Explosivos e etc”, a cargo do então Ministério da Guerra, que, posteriormente, recebeu a denominação de “Serviço de Fiscalização da Importação, Depósito e Transporte de Armas, Munições, Explosivos, Produtos Químicos Agressivos e Matérias-Primas Correlatas (SFIDT)”.

O exercício da fiscalização abrange as mais variadas atividades, tais como: fabricação, importação, exportação, desembaraço alfandegário, comercialização e tráfego, cada uma delas adequadas ao interesse que o produto desperta.

Em virtude da complexidade, diversidade das atividades e responsabilidades decorrentes, foi criada a Diretoria de Fiscalização de Produtos Controlados (DFPC), com sede em Brasília, subordinada ao então Departamento de Material Bélico, consoante o disposto no Decreto Presidencial nº 87.738, de 20 de outubro de 1982. Essa Diretoria nasceu da fusão da Assessoria Técnica do Departamento de Material Bélico (DMB) e da Seção de Fiscalização, Importação, Depósito e Tráfego de Produtos Controlados (SFIDT/DMB).



Fiscalização de pedreira

A Diretoria de Fiscalização de Produtos Controlados (DFPC), após sua criação, centralizou as ações do Sistema de Fiscalização, iniciando seu funcionamento como Organização Militar independente no primeiro dia do mês de março do ano de 1983, conforme tornou público o BI/DMB nº 39, daquele ano.

A estrutura da fiscalização veio se aprimorando com o passar dos anos e hoje tem uma estrutura funcional atualizada e adequada, executando com desenvoltura os encargos de ordem técnica e administrativa, por meio de suas seções internas e do trabalho harmonioso das Regiões Militares, executado pelo Serviço de Fiscalização de Produtos Controlados (SFPC/RM), a quem cabe controlar técnica e funcionalmente os trabalhos realizados pela Rede Regional, composta pelos Serviços de Fiscalização de Produtos Controlados de Guarnição (SFPC/Gu), de Delegacias de Serviço Militar (SFPC/Del SM), de Postos de Fiscalização (PFPC) e de Fábricas Cíveis que possuam fiscais militares (SFPC/FC).

A norma em vigor que estabelece todos os procedimentos para que sejam exercidas atividades com produtos controlados é o Decreto nº 3.665, de 20 de novembro de 2000 (Regulamento para a Fiscalização de Produtos Controlados/R-105).



Fiscalização de paiol de munição

Visite o site: www.dfpc.eb.mil.br

Diretoria de Material de Aviação do Exército

Fazer voar e combater

Com a adoção de helicópteros pelo Exército Brasileiro (EB), a Alta Administração do Exército identificou a necessidade da criação, no âmbito da estrutura organizacional da Aviação do Exército (AvEx), de um órgão que pudesse conduzir, com segurança, a complexa gestão administrativa e logística do material de aviação.

Em consequência, uma das providências adotadas foi a criação, em 25 de agosto de 1986, da Diretoria de Material de Aviação do Exército (DMAvEx), que, como atribuição inicial, recebeu a missão de realizar a concorrência internacional para a aquisição dos primeiros cinquenta e dois helicópteros da Força Terrestre.

Em 24 de novembro de 1989, foi extinta a DMAvEx e todo o seu efetivo militar foi transferido para o Comando da antiga Brigada de Aviação do Exército, hoje denominado Comando de Aviação do Exército (CAvEx), sediado na cidade de Taubaté-SP. Em 1993, por dificuldades ocorridas na gestão do material aéreo, foi reconhecida a necessidade de se ter um órgão específico para a sensível e especializada atividade de gerência administrativa e logística do material de aviação, motivando, então, a reativação da DMAvEx.

A DMAvEx tem sido responsável pela negociação, realização, supervisão e acompanhamento de todos os contratos de aquisição e de manutenção da frota de helicópteros da AvEx e tem garantido a sustentabilidade logística dos meios aéreos da Força Terrestre. Foi, também, pioneira na introdução de contratos de compensação no EB, ação que muito tem contribuído para a transferência de tecnologia para fabricação e nacionalização da manutenção de meios aeronáuticos.

Sua missão é superintender as funções logísticas de suprimento, manutenção e transporte de material de aviação e de qualquer outro relacionado à AvEx, visando a garantir a sua operacionalidade, contribuindo para o aumento do poder de dissuasão e da capacidade do EB se fazer presente em todo o território nacional. Para isso:

- proporciona condições de sustentabilidade logística para que a AvEx realize um esforço aéreo compatível com as necessidades do preparo e emprego previstas pelo Comando de Operações Terrestres (COTER) e pelo CAvEx;
- desenvolve a capacidade técnico-científica da AvEx a

fim de torná-la mais independente e mais capaz de tomar decisões sobre a gestão de seu material;

- colabora para o fortalecimento do poder de dissuasão da Força Terrestre, particularmente capacitando e exercitando seus meios de reconhecimento e ataque; e
- empenha-se na melhoria contínua dos diversos processos desenvolvidos na gestão logística.

A DMAvEx, atualmente, empenha-se na aprovação de projetos que garantam a atualização e a evolução dos meios aéreos para as gerações futuras. Dentre eles, três projetos de modernização se destacam e são prioritários.

Modernização dos Meios Aéreos da Aviação do Exército

Com a criação da AvEx, foi assinado, em 1988, o Contrato nº DMB 001/88, de aquisição dos helicópteros AS 365 K-Pantera, HB 350 LI-Esquilo e, posteriormente, por meio de termo aditivo ao contrato original, dos AS 550 A2-Fennec.

Ao longo do tempo, com a natural evolução da doutrina de emprego da AvEx, surgiram novas necessidades operacionais, ambientais e logísticas, que mostraram oportunidades de melhoria no projeto dos helicópteros originalmente adquiridos.

Considerando-se o bom estado da célula dos helicópteros, sua versatilidade e relativo baixo custo operacional, além da possibilidade de emprego pela AvEx nas próximas décadas, o Comando Logístico (COLOG) levou à apreciação do Comando do Exército projetos elaborados pela DMAvEx para a modernização desses materiais de emprego militar.

Os motivos que levaram a elaboração desses projetos foram:

- o envelhecimento das frotas inicialmente adquiridas;
- a obsolescência dos diversos sistemas, repercutindo em crescentes dificuldades para a aquisição de peças, o que tem aumentado o tempo de retorno dos equipamentos enviados para reparo; e
- a necessidade de aumentar o poder de dissuasão e de se fazer presente em todo o território nacional, coerentes com a Estratégia Nacional de Defesa.

Esses projetos têm por objetivo estender a vida útil dos

helicópteros, incorporar à AvEx novos sistemas de armas e melhorar o desempenho dos seus meios aéreos.

Modernização dos Helicópteros de Reconhecimento e Ataque

O objetivo desse projeto é, em síntese, modernizar os trinta e cinco helicópteros HB 350 LI-Esquilo e AS 550 A2-Fennec da AvEx, que são utilizados para as missões de reconhecimento e ataque, possibilitando o seu emprego na Força Terrestre por mais trinta anos.

Com essa modernização, o Exército passará a contar com helicópteros de reconhecimento e ataque, atualizados tecnologicamente, com novos painéis de instrumentos; sistema de comunicações avançado e seguro; e sistemas de armas integrados com lançadores de mísseis ar-solo, lançadores de foguetes modernos, metralhadoras .50 e

canhões 20mm, elevando, dessa forma, o poder de dissuasão da AvEx.

O apoio das Empresas HELIBRAS e EUROCOPTER nessa empreitada será de fundamental importância para o êxito do projeto de modernização da frota de helicópteros de Reconhecimento e Ataque da AvEx.

As principais mudanças serão as seguintes:

- modernização do painel de instrumentos para os modernos *glass cockpit*;
- modernização dos equipamentos de radiocomunicação e de rádionavegação;
- incorporação de medidas de defesa passiva; e
- ampliação da capacidade dos helicópteros de receber armamento, tais como: o míssil ar-solo; o foguete 70mm Skyfire; o canhão de 20mm; a metralhadora .50; e armamento lateral.

Desenvolvimento de Mísseis Ar-solo para os Helicópteros de Reconhecimento e Ataque

O EB está desenvolvendo um projeto para aprimorar o sistema de armas dos helicópteros de ataque AS 550 A2-Fennec e HB 350 LI-Esquilo, da AvEx. Esse sistema de armas será composto por lançadores de foguetes com maior alcance e maior precisão, pela metralhadora .50 e por mísseis ar-solo de fabricação nacional. Esses mísseis, que serão denominados míssil ar-solo MAS 5.1, poderão ser empregados no ataque a alvos terrestres móveis, blindados ou não, e a instalações.

Esse projeto se beneficiará dos conhecimentos tecnológicos e das experiências colhidas no desenvolvimento do míssil anticarro MSS 1.2, de propriedade intelectual do EB e realizado em parceria com a empresa Mectron.

A relevância do projeto é justificada pelo aumento significativo da dissuasão dos meios de reconhecimento e ataque da AvEx, pela contribuição na elevação da capacidade do parque fabril nacional no domínio de tecnologias sensíveis de defesa, na redução da dependência bélica do exterior, na criação de um potencial de comercialização no subcontinente sul-americano e na geração de empregos, todos eles convergentes com os objetivos traçados na Estratégia Nacional de Defesa e nas diretrizes do Comandante do Exército.

Modernização dos Helicópteros de Emprego Geral Pantera

O helicóptero AS 365 K-Pantera cumpre variada e específica gama de missões em proveito da AvEx e seu relativo baixo custo de hora de voo, comparado aos demais helicópteros bimotores da AvEx, fazem dele importante vetor operacional.



Novo painel



Lançador de foguete 70mm



Metralhadora .50



Míssil solo-solo MSS 1.2



AS 550 A2 dotado de lançador de míssil

Entretanto a configuração atual do Pantera começa a tornar cara e difícil sua sustentabilidade logística. Além disso, a experiência na Região Amazônica revelou limitações daquela aeronave, particularmente no tocante à reserva de potência quando empregada em áreas operacionais com altas temperaturas e/ou elevadas altitudes, o que a impede de cumprir algumas missões dentro do escopo operacional definido originalmente.

O projeto prevê a modernização, a exemplo do ocorrido com o modelo Dauphin, da Guarda Costeira dos Estados Unidos da América (USCG), de toda a frota Pantera da AvEx, ao longo de, aproximadamente, dez anos.

O empreendimento contempla diversas modificações no atual modelo da AvEx, dentre as quais se destacam:

- remotorização, com a utilização de motores Arriel 2C2AvEx, aproveitando-se do sucesso da experiência americana;
- modernização do painel de instrumentos para os

modernos *glass cockpit*;

- modificação do rotor de cauda atual para um moderno com baixo nível de ruído;
- compatibilização do helicóptero para o voo com óculos de visão noturna; e
- modernização dos equipamentos de radiocomunicação e de rádionavegação.

A modernização de cada aeronave será realizada à medida que for se esgotando seu potencial para grande inspeção, de maneira a não prejudicar a operacionalidade da AvEx e proporcionar economia de recursos.

Com isso, o projeto possibilitará a melhoria do desempenho operacional da frota Pantera, notadamente no que tange à superação de restrições de desempenho na Região Amazônica; realização do voo com óculos de visão noturna; substituição de instrumentos em obsolescência; adoção de rotor de cauda com menor impacto ambiental relativo ao ruído; e início de um novo ciclo de vida para esses helicópteros. —



Laboratório de Análise de Material de Intendência



Acima, equipamentos de ensaio e, abaixo, medida de segurança no acesso ao cofre de amostras

O Laboratório de Análise de Material de Intendência (LAMI) teve suas obras iniciadas em janeiro de 1984, sendo inaugurado em abril de 1986, fruto de uma parceria entre o Ministério do Exército e o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), órgão da Universidade de São Paulo (USP), realizador do projeto e responsável pela sua construção.

O laboratório atua nas especialidades de materiais têxteis, couros e calçados e foi instituído para apoiar os processos de aquisição, bem como aperfeiçoar o controle de qualidade dos artigos de fardamento e equipamento recebidos pelo Exército, através da verificação do atendimento às normas específicas que descrevem esses diversos artigos.

Sempre na vanguarda, o LAMI possui instalações únicas no Exército, adequadas ao seu elevado índice de qualidade, constituindo-se de ambientes e equipamentos divididos nas classes de ensaios físicos e ensaios químicos.



O 21º D Sup, unidade de logística que enquadra, doutrina e mantém o LAMI, desenvolve ações técnico-administrativas para manter os equipamentos e instalações em constante atualização, assim como gerencia o corpo de técnicos para conservar e desenvolver o conhecimento específico dos trabalhos de análise.

O LAMI tem estreita relação com o IPT e com o Serviço Nacional da Indústria (SENAI), órgãos que também atuam no controle de qualidade de materiais têxteis e de couros.

No laboratório, tecnologia e conhecimento científico são aplicados através de testes específicos para garantir a qualidade e a durabilidade dos materiais e produtos. O escopo dos testes é especificado pelas Normas do Exército Brasileiro e pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). As amostras recebidas são submetidas a ensaios destrutivos, em sua grande maioria, permanecendo guardadas no cofre de contra provas, para eventuais requerimentos jurídicos posteriores. A segurança desse cofre conta com um moderno sistema de reconhecimento biométrico para abertura de portas.

Os laudos emitidos pelo LAMI são juridicamente acreditados, resultado do credenciamento junto ao Instituto Nacional de Metrologia (INMETRO), permitindo fornecer

os meios legais para o Exército aceitar, ou não, os produtos licitados e adquiridos em função dos resultados encontrados nos diversos testes e ensaios aos quais se submetem esses materiais.

Para ampliar o universo de técnicos, realiza-se o Estágio Técnico de Análise de Material de Intendência (ETAMI), destinado a militares, oficiais e praças do Serviço de Intendência, habilitando-os a desempenhar as funções do laboratório. Mesmo que não venham a exercer funções no LAMI, esses técnicos formam um grupo crítico dentro do Exército, a respeito do material de intendência recebido nas diversas regiões militares, passando a ter um conceito técnico e objetivo do material recebido.

Periodicamente, o LAMI é submetido à auditoria do INMETRO, para assegurar que o laboratório esteja em consonância com os preceitos e normas de controle de qualidade difundidas por esse órgão.

O LAMI continuará desenvolvendo sua importante missão de auxiliar os órgãos de aquisição e provimento do Exército Brasileiro. Permanecerá atuante no apoio à tomada de decisões dos escalões superiores, focando seu trabalho na garantia da qualidade do material militar, trabalho que desenvolve há mais de 20 anos. —



Inspeção metrológica



Ensaio



Calorimetria

A inspeção de alimentos

O Laboratório de Inspeção de Alimentos e Bromatologia (LIAB), do 21º Depósito de Suprimento, é o responsável pela execução do controle de qualidade dos alimentos que suprem as Organizações Militares pertencentes ao Comando Militar do Sudeste. Faz parte de uma rede de 18 (dezoito) laboratórios de análise de alimentos convencionais, do tipo bancada, distribuídos por todas as Regiões Militares, nas seguintes Organizações Militares: Batalhões e Depósitos de Suprimentos; Depósito de Subsistência de Santo Ângelo e Santa Maria; 1ª, 16ª e 17ª Bases Logísticas; e Academia Militar das Agulhas Negras, todas supervisionados pelo Comando Logístico por intermédio da Diretoria de Abastecimento.

A experiência desenvolvida pela equipe técnica do LIAB, formada por oficiais graduados em medicina veterinária, demonstrou que a garantia de uma refeição segura não é sinônimo, apenas, do processo de inspeção laboratorial. O monitoramento técnico, nos diversos elos da cadeia de

suprimento, é essencial para que, na outra ponta da linha de abastecimento, os produtos de origem animal e vegetal sejam oferecidos no mais alto grau de segurança e proporcionem satisfação durante o consumo.

Inicia-se o trabalho na verificação das condições de transporte das cargas, algumas delas com exigência de monitoramento de temperatura. Em seguida, os lotes recebidos são analisados por meio da retirada de amostras, as quais são submetidas a ensaios laboratoriais – sensoriais, físicos, químicos e microbiológicos – que determinam os Padrões de Identidade e Qualidade (PIQ) e condições higiênico-sanitárias do alimento.

A medicina veterinária militar capacita a equipe técnica do LIAB a prosseguir na sua missão, orientando a elaboração de ações preventivas e corretivas de controle de pragas urbanas, aplicadas durante todo o período de estocagem no 21º D Sup.

Atuando no último estágio do ciclo de vida dos suprimentos de subsistência, no qual esses suprimentos serão

“ *Um exército
marcha sobre seu
estômago.* ”

Napoleão Bonaparte



Análise de microscopia alimentar



transformados em refeições, o LIAB cumpre o importante papel de educar e controlar as atividades dos manipuladores de suprimento, conduzindo o conhecimento dessas pessoas para trabalhar no regime mais apropriado às condições técnico-sanitárias, relativas ao material de subsistência. Tal é a importância deste tema que, em junho de 2009, a Chefia do Laboratório conduziu a preparação técnica da equipe de manipuladores do contingente da Missão das Nações Unidas para Estabilização do HAITI, ministrando o Estágio de Boas Práticas de Fabricação em Segurança Alimentar.

Há 11 anos, certificado pelas Normas ISO 9000, o LIAB do 21º D Sup realiza seu trabalho para manter a confiabilidade dos resultados analíticos, por intermédio da padronização dos processos e serviços prestados. Na busca da melhoria contínua, o LIAB procura adquirir equipamentos e desenvolver ensaios que proporcionem resultados mais rápidos e precisos. Paralelamente, o corpo técnico procura manter-se atualizado, por meio da participação em cursos de aperfeiçoamento ministrados em instituições renomadas, como o Instituto de Tecnologia de Alimentos (ITAL/Campinas).

Como um importante setor técnico do 21º D Sup e inserido no maior polo industrial, acadêmico e tecnológico do País, o LIAB contribui no desenvolvimento de projetos da Diretoria de Abastecimento, como a especificação técnica de artigos de subsistência, a proposição de novos cardápios, ajustes técnicos nas rações operacionais, dentre muitos outros trabalhos de relevância para o setor que alimenta a Força Terrestre, com destaque para o projeto do Equipamento Portátil de Inspeção de Alimentos (EQUIPIA), uma ferramenta de trabalho que irá

proporcionar a determinação da qualidade da água e dos alimentos nas Unidades situadas em regiões isoladas.

O EQUIPIA é um laboratório portátil passível de operar em condições não convencionais – fora de sede e desenvolvido para realizar análises físico-químicas e microbiológicas da água e dos alimentos provisionados em campanha, ou quando a situação tática não permitir o suprimento regular de víveres e/ou o abastecimento de água tratada, verificando a eficiência dos tratamentos usados para a sua purificação.

O objetivo é determinar, em condições especiais, se o alimento está próprio para o consumo e livre de agentes nocivos à saúde humana ou animal, agregando tecnologias que permitam a leitura direta e rápida, bem como a interpretação dos resultados por um analista treinado.

O EQUIPIA é constituído de equipamentos e instrumentais analíticos de precisão, em sua maioria portátil e digital, e deverá mobiliar as unidades que possuem um laboratório convencional (LIAB) para fim de manutenção dos equipamentos, reposição de material de consumo (reagentes e meios de cultura) e preparação para o emprego, sendo possível adequar os ensaios às demandas analíticas de cada região, apoiando os destacamentos avançados, as Ações Cívico-Sociais (ACISO) e a Defesa Civil nos casos de calamidade pública.

Enfrentar os desafios de uma época marcada pelo dinamismo e rapidez nas transformações tecnológicas é o trabalho do LIAB, que faz parte do “21º D SUP do século XXI” e que conta com a experiência e motivação de seus técnicos, para desenvolver grandes projetos em prol do Exército e do Brasil. —



Coudelaria de Rincão

Remonta e Veterinária

A Coudelaria de Rincão está localizada no interior do município de São Borja (RS) e atende às necessidades do Exército Brasileiro no que se refere aos equinos, desde 1987, quando passou a desempenhar as funções da Coudelaria de Campinas (SP), extinta em dezembro do mesmo ano.

Essa Organização Militar tem dupla subordinação: à 3ª Região Militar, para fins administrativos, e ao Comando Logístico, para os assuntos técnicos, normativos e gerenciais.

A Coudelaria de Rincão tem por missão a produção do “cavalo militar”, que é o equino com as características morfofisiológicas adequadas ao emprego e cerimonial militares, possuidor de condições de saúde, resistência, força e velocidade que o tornem apto a suportar trabalhos contínuos e variados nas três andaduras (passo, trote e galope).

Para cumprir sua missão, a Coudelaria de Rincão desenvolve as atividades de remonta de equinos do Exército Brasileiro, que é a atividade logística que tem por atribuição

a produção e provimento de efetivos animais de acordo com as necessidades do Exército, observadas as disposições regulamentares do Comando Logístico.

A Organização Militar atualmente desenvolve importantes projetos, entre os quais podem ser destacados o da Melhoria Genética e o da Autossuficiência em alimentos para o seu plantel equino.

No que se refere ao Projeto de Melhoramento Genético, desempenha as seguintes atribuições:

- confecciona o Plano de Monta, que é o planejamento pormenorizado dos cruzamentos a serem realizados entre garanhões e matrizes selecionados – a fim de que sejam obtidos equinos de elevado porte, ágeis e de boa e harmônica estrutura óssea – e que busca evitar a consanguinidade, em conformidade com as diretrizes da Diretoria de Abastecimento;

- realiza as coberturas por meio de Monta Dirigida Natural ou Inseminação Artificial. Para realizar essas tarefas, conta com um corpo de veterinários qualificados e com

semens de garanhões selecionados, pertencentes à carga da Coudelaria e de outros adquiridos do plantel nacional e internacional;

- para que o seu plantel seja renovado, seleciona os produtos com excepcionais características zootécnicas e filiação que devam permanecer na Coudelaria para servirem de reprodutores ou de matrizes.

No que se refere ao Projeto de Autossuficiência, desempenha as seguintes atribuições:

- cultiva e conserva pastagens que venham a melhorar as condições e a qualidade dos animais em face das necessidades específicas da espécie e manutenção de um excelente estado de nutrição e higidez;

- moderniza seu maquinário, adquire implementos agrícolas, silos de armazenagem de grãos, “pivot” para irrigação de áreas plantadas e equipamentos para processamento de grãos, como forma de dar suporte a consecução dessas autossuficiências;

- produz, aproximadamente, 600 toneladas de grãos, que visam à alimentação do seu plantel equino e resultará na economia dos recursos disponibilizados, assim como a melhoria na qualidade dessa alimentação.

Em 2009, a Coudelaria de Rincão passou a realizar a doma racional dos produtos que são distribuídos anualmente às Unidades do EB, o que é realizado por meio de um efetivo de 15 (quinze) militares, entre os quais estão um Instrutor e um Monitor oriundos dos Cursos da Escola de Equitação do Exército.



A atividade de reprodução de equídeos no Exército Brasileiro é realizada exclusivamente pela Coudelaria de Rincão. Essa medida restritiva visa a preservar o patrimônio genético, bem como o padrão racial dos equídeos por meio de um estrito acompanhamento técnico, por parte da Seção de Gestão Logística de Remonta e Veterinária da Diretoria de Abastecimento e daquela OM.

A meta da Coudelaria de Rincão é atender em 100% às necessidades em equinos, de forma sustentável, preservando e melhorando o patrimônio genético existente, estando sempre atualizada com as boas práticas da produção agropecuária e minimizando, cada vez mais, os custos com essa atividade para o Exército Brasileiro. 🌱



À esquerda, equipamentos agrícolas e, acima, silo de armazenagem de grãos

Base de Apoio Logístico do Exército

Uma realidade

Pela definição do Conselho Internacional de Operações de Logística (ICLM), “Logística é a parte do Gerenciamento da Cadeia de Abastecimento que planeja, implementa e controla o fluxo e o armazenamento eficiente e econômico de matérias-primas, materiais semiacabados e produtos acabados, bem como as informações a eles relativas, desde o ponto de origem até o ponto de consumo, com o propósito de atender às exigências dos clientes”.

Atendendo aos ditames da Diretriz Geral do Comandante do Exército, o Estado-Maior do Exército, por meio da Portaria nº 020, de 27 de março de 2007, aprovou a Diretriz para a constituição de um Grupo de Trabalho encarregado de estudar e propor atualizações e melhorias no Sistema Logístico (SISLOG) do Exército. Um dos frutos desse Grupo de Trabalho, a recém-criada Base de Apoio Logístico do Exército, será considerada o “BRAÇO OPERACIONAL DO COMANDO LOGÍSTICO DO EXÉRCITO”.

A Missão

A criação da Base de Apoio Logístico do Exército (Ba Ap Log Ex) representou grande avanço na reestruturação da Força Terrestre (F Ter) ao aproximar a estrutura do SISLOG ao previsto na Estrutura Militar de Defesa. A Ba Ap Log Ex é referida no manual de campanha de Logística Militar Terrestre (C 100-10) / Ed. 2003 como sendo uma organização logística a ser ativada ou já existente na estrutura das Forças Singulares, localizada na Zona de Interior (ZI), tendo a atribuição de prover os recursos necessários às organizações de apoio logístico dos escalões considerados da F Ter. Liga-se aos órgãos de direção funcional, na ZI, e às Bases Logísticas (Ba Log) e aos Centros



Vista da Base de Apoio Logístico do Exército

de Recompimento (C Rcp), no Teatro de Operações Terrestres (TOT). Para fins de coordenação logística, liga-se, ainda, com o Estado-Maior do Teatro de Operações Terrestres (EM/TOT), com o Comando Logístico da Força Terrestre do Teatro de Operações Terrestres (CLFTTOT) e com as Regiões Militares do Teatro de Operações Terrestres (RM/TOT).

A missão da Ba Ap Log Ex foi assim definida na Diretriz do EME para a sua implantação:

“Como braço operacional do COLOG, a Ba Ap Log Ex executará o apoio ao Exército como um todo, inclusive às Missões de Paz, devendo, dentre outras missões, realizar aquisições e contratar serviços, ligar-se à Comissão do Exército Brasileiro em Washington (CEBW), coordenar os trabalhos de desembarço alfandegário e recebimento de material do exterior, e ser Unidade Gestora (UG).”

A mesma Diretriz ainda determina que, quando instalada, a Ba Ap Log Ex, sob orientação do EME, conduzirá estudos e experimentações doutrinárias, visando ao apoio logístico ao Exército Brasileiro como um todo. Para esse mister, o Cmdo da Ba Ap Log Ex foi estruturado, além das seções normais de um EMG, com uma Divisão de Estudos Logísticos. —





Ingresse no Exército Brasileiro!

Carreira de Oficial

ESCOLA PREPARATÓRIA DE CADETES DO EXÉRCITO EsPCEx - Campinas (SP)

Objetivo: acesso à Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN)
Duração do curso: um ano (3ª série do Ensino Médio)
Escolaridade: ter concluído a 2ª série do Ensino Médio
Sexo: masculino
Situação após o curso: Conclusão do Ensino Médio, acrescido de formação militar
Mais informações: www.espcex.ensino.eb.br

ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS AMAN - Resende (RJ)

Objetivo: formar Oficiais de Carreira das Armas, do Serviço de Intendência e do Quadro de Material Bélico
Duração do curso: quatro anos
Ingresso: exclusivamente para concludentes da EsPCEx
Situação após o curso: Aspirante-a-Oficial
Carreira: até General
Mais informações: www.aman.ensino.eb.br

INSTITUTO MILITAR DE ENGENHARIA IME - Rio de Janeiro (RJ)

Objetivo: formar Oficiais do Quadro de Engenheiros Militares
Duração do curso: cinco anos
Escolaridade: Ensino Médio
Sexo: masculino e feminino
Situação após o curso: 1º Tenente
Carreira: até General
Mais informações: www.ime.ensino.eb.br

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DO EXÉRCITO EsAEx - Salvador (BA)

Objetivo: formar Oficiais do Quadro Complementar
Duração do curso: nove meses
Escolaridade: Ser diplomado em uma das áreas de interesse do Exército - Direito, Administração, Informática, Ciências Contábeis, Economia, Estatística, Enfermagem, Comunicação Social, Psicologia, Pedagogia, Magistério/Licenciatura (Português, Inglês, Espanhol, Matemática, Química, Física, Biologia, História e Geografia) ou Veterinária*
Sexo: masculino e feminino
Situação após o curso: 1º Tenente
Carreira: até Tenente-Coronel
Mais informações: www.esaex.ensino.eb.br

ESCOLA DE SAÚDE DO EXÉRCITO EsSEx - Rio de Janeiro (RJ)

Objetivo: formar Oficiais do Serviço de Saúde
Duração do curso: nove meses
Escolaridade: ser diplomado em Medicina, Farmácia ou Odontologia
Sexo: masculino e feminino
Situação após o curso: 1º Tenente
Carreira: até Coronel; se Oficial Médico, até General
Mais informações: www.essex.ensino.eb.br

Carreira de Sargento

ESCOLA DE SARGENTOS DAS ARMAS EsSA - Três Corações (MG)

Objetivo: formar Sargentos de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações
Escolaridade: Ensino Médio
Sexo: masculino
Situação após o curso: 3º Sargento
Carreira: até Capitão
Mais informações: www.essa.ensino.eb.br

ESCOLA DE INSTRUÇÃO ESPECIALIZADA EsIE - Rio de Janeiro (RJ)

Objetivo: formar Sargentos de Topografia, Intendência e Música
Escolaridade: Ensino Médio
Sexo: masculino
Situação após o curso: 3º Sargento
Carreira: até Capitão
Mais informações: www.esie.ensino.eb.br

ESCOLA DE MATERIAL BÉLICO EsMB - Rio de Janeiro (RJ)

Objetivo: formar Sargentos de Manutenção de Armamento, Manutenção de Viatura Automóvel e Mecânico Operador
Escolaridade: Ensino Médio
Sexo: masculino
Situação após o curso: 3º Sargento
Carreira: até Capitão
Mais informações: www.esmb.ensino.eb.br

CENTRO DE INSTRUÇÃO DE AVIAÇÃO DO EXÉRCITO CIAvEx - Taubaté (SP)

Objetivo: formar Sargentos de Aviação nas áreas de Manutenção e de Apoio
Escolaridade: Ensino Médio
Sexo: masculino
Situação após o curso: 3º Sargento
Carreira: até Capitão
Mais informações: www.ciaavex.ensino.eb.br

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES EsCom - Rio de Janeiro (RJ)

Objetivo: formar Sargentos de Manutenção de Comunicações
Escolaridade: Ensino Médio
Sexo: masculino
Situação após o curso: 3º Sargento
Carreira: até Capitão
Mais informações: www.escom.ensino.eb.br

ESCOLA DE SAÚDE DO EXÉRCITO EsSEx - Rio de Janeiro (RJ)

Objetivo: formar Sargentos de Saúde – Técnico em Enfermagem
Escolaridade: Ensino Médio
Sexo: masculino e feminino
Situação após o curso: 3º Sargento
Carreira: até Capitão
Mais informações: www.essex.ensino.eb.br

Regimento Ipiranga

6º Batalhão de Infantaria Leve



O 6º Batalhão de Infantaria Leve – “Regimento Ipiranga” é uma unidade de gloriosas tradições da Infantaria Brasileira. Seu nome está escrito de maneira indelével na história militar do Brasil.

Criado em 1908, foi instalado no Bairro de Soledade, em Recife (PE), em 22 de março de 1909. Em junho do mesmo ano, foi transferido para Curitiba (PR), onde combateu os rebeldes na Campanha do Contestado, entre 1913 e 1915. Na ocasião, vários heróis tombaram no cumprimento do dever.

Em 1918, o Regimento foi reorganizado no Bairro de Campos Elísios, em São Paulo, e, posteriormente, transferido para Caçapava (SP), instalando-se na antiga Fábrica de Tecidos da Companhia Industrial Limitada, adquirida pelo Exército. Na oportunidade, tropa e população marcharam juntas até o novo quartel do 6º Regimento de Infantaria. Foi um dia de festa.

O primeiro juramento à Bandeira dos recrutas, realizado em 30 de junho de 1918, na Associação Caçapavense, teve como paraninfo o poeta **Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac**, o Patrono do Serviço Militar.

O 6º RI participou da Revolução Paulista de 1924, da Revolução Constitucionalista de 1932 e debelou focos

que ameaçavam a unidade nacional na Intentona Comunista de 1935.

Integrou a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial. Foi a primeira tropa brasileira a entrar em ação, em novembro de 1944, e a unidade com maior número de jornadas em combate.

O Cerco a Fornovo Di Taro, em abril de 1945, sob o comando do Cel **Nelson de Mello**, foi a brilhante missão que consagrou o 6º RI nos Campos de Batalha da Itália. Na ocasião, ocorreu a rendição incondicional da 148ª



Divisão Alemã, dos remanescentes de uma Divisão Italiana e da 90ª Divisão Panzer Granadier. Foram capturados cerca de 15.000 prisioneiros, 4.000 canhões, 1.500 viaturas e grande quantidade de armamento e munição.

De volta à Pátria, os nossos pracinhas foram recebidos com carinho, admiração e civismo. O Monumento aos Heróis da FEB do 6º RI, construído em 1951, é a homenagem eterna do Regimento aos seus 111 heróis tombados nos Campos de Batalha da Itália.

O 6º BI participou ativamente da Revolução de 31 de Março de 1964, entrando em posição na região de Queluz (SP), em defesa da restauração da autoridade e da democracia, demonstrando solidariedade ao povo brasileiro.

Nossa Senhora de Lourdes, padroeira do Regimento, também tem a sua história. Enquanto aguardava o regresso após guerra, o 6º RI ajudou na reconstrução da Igreja de Vada, na Itália, destruída pelos alemães. Durante os trabalhos, foi encontrada a imagem de Nossa Senhora de Lourdes, intacta e denegrida pelo fogo nas ruínas da Igreja. Posteriormente, uma comitiva de freiras Salete, em novembro de 1945, veio a Caçapava e ofertou ao Batalhão a imagem da santa, a mesma encontrada nos escombros, em nome da população de Vada, em reconhecimento ao 6º RI pelos trabalhos de reconstrução de sua Igreja.

O Museu Ipiranga, restaurado em 1975, é o relicário das mais nobres tradições que mantêm

elevados o orgulho e o espírito de corpo dos integrantes do Batalhão.

Esse é o “Regimento Ipiranga”, destaque das mais gloriosas páginas da nossa história, que tem seu nome histórico ligado ao mais relevante evento de nossa Pátria, “O Grito do Ipiranga”.

Denominações e Estandarte

A denominação histórica “Regimento Ipiranga” foi aprovada pela Portaria Ministerial 148, de 10 de fevereiro de 1982. De 1964 a 1995, a Unidade recebeu as seguintes mudanças de denominação:

- de 6º RI para 1º/6º RI – 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria – Portaria nº 107-Res, de 11 de Novembro de 1964;

- de 1º/6º RI para 6º BI – 6º Batalhão de Infantaria – Portaria nº 94-EME Res, de 10 de Outubro de 1973; e

- de 6º BI para 6º BIL – 6º Batalhão de Infantaria Leve – Portaria nº 24-Res, de 19 de Junho de 1995.

O estandarte do “Regimento Ipiranga” sintetiza a Unidade e é constituído por:

- o vermelho representa o sangue de nossos heróis;
- a cruz verde simboliza nossa cultura cristã;
- as 12 estrelas representam os principais combates realizados na Itália;
- os ramos de café, nossa riqueza; e



À esquerda e acima: armamentos em exposição no Museu Ipiranga



Aspectos da instrução do 6º Batalhão de Infantaria Leve

– o escudo azul e o cruzeiro do sul simbolizam nossa força, unidade e grandeza da pátria.

Atividades Recentes e Atuais

Na atualidade, o Batalhão mantém as tradições de seu passado glorioso, forjado em honra e sangue daqueles que no passado defenderam a nossa bandeira e os nossos princípios, com o sacrifício da própria vida.

Em 1995, o Batalhão foi transformado em 6º Batalhão de Infantaria Leve, subordinado à 12ª Brigada de Infantaria Leve Aeromóvel, e passou a integrar a Força de Ação Rápida Estratégica do Exército Brasileiro, apta a operar em qualquer parte do território nacional. Por essa razão e com o objetivo de atuar com rapidez nas ações de Defesa Externa e de Garantia da Lei e da Ordem, anualmente, os integrantes do Batalhão realizam diversos estágios em todos os ambientes operacionais brasileiros – selva, caatinga, pantanal e montanha – e participam de exercícios em todo o território nacional.

Em reconhecimento a sua prontidão e capacidade operacional, o 6º BIL foi empregado na Missão de Paz no Haiti, onde consagrou a competência de seus homens, no cenário internacional, representando o Exército e o Brasil com brilhantismo. Militares do Batalhão participaram do 2º Contingente, em 2004; do 4º Contingente, em 2005; e do 11º Contingente, em 2009.

Como uma das Unidades da 12ª Brigada de Infantaria Leve (Aeromóvel), é uma tropa de elite e possui as peculiaridades da Infantaria Leve de estar sempre muito bem adestrada e ser dotada de material e armamento leve e compacto, de alta letalidade.

Em 2009, o 6º BIL comemorou o centésimo aniversário de sua criação, quando foram realizadas diversas atividades que buscaram a integração com a comunidade local da cidade que o acolhe, Caçapava(SP), e que contou com a presença de inúmeras autoridades civis e militares, ex-combatentes e familiares. —



Policlínica Militar de Niterói

Assistência de saúde de primeiro mundo

A Policlínica Militar de Niterói (PoMN) foi criada pelo Decreto Lei nº 62.220, de 02 de fevereiro de 1968, em Niterói, então capital do Estado do Rio de Janeiro, antiga província fluminense no Império.

Instituída para atender militares da ativa, inativos, pensionistas e seus dependentes vinculados ao SAMMED/FUSEX residentes na guarnição de Niterói e em áreas do entorno, como Macaé, Campos e Vitória, bem como funcionários civis e seus dependentes, desafoga, assim, o grande fluxo de pacientes no Hospital Central do Exército (HCE), localizado na cidade do Rio de Janeiro.

Com a construção e inauguração da Ponte Costa e Silva no ano de 1974, encurtou-se a distância entre a PoMN e o HCE, possibilitando, por conseguinte, maior fluidez no que tange à continuidade do apoio médico de urgência/emergência à família militar e ao estreitamento dos laços de intercâmbio técnico-administrativo entre as duas Organizações Militares de Saúde.

A unidade prima pelo cumprimento de sua missão, que é a de promover a melhoria da qualidade de vida e a satisfação da comunidade militar, especialmente da guarnição de Niterói, prestando assistência ambulatorial e pronto atendimento nas áreas médica, odontológica e laboratorial.



Recepção aos usuários



Grupo Viver com Alegria



Educação continuada para os profissionais de saúde



Posto de coleta do laboratório

Após 40 anos de existência, a PoMN acumulou várias conquistas importantes que engrandeceram cada vez mais a instituição, principalmente no tratamento da saúde da família militar. Destaca-se sua participação no Programa de Qualidade Rio (PQRio), programa que visa à indução da melhoria do desempenho organizacional das instituições públicas e privadas sediadas no Estado do Rio de Janeiro.

Em 2003, ano em que iniciou sua participação no PQRio, foi premiada com o diploma categoria Bronze. Desde então, a PoMN buscou aprimorar suas atividades a fim de continuar a crescer e alcançar melhores resultados. Assim, em 2004, a unidade foi agraciada com o diploma categoria Prata. Como resultado de um trabalho que visava à melhoria contínua na sua missão de prestar serviço de saúde de excelência aos seus usuários, teve seu esforço reconhecido ao receber, nos anos de 2005, 2006 e 2008, o diploma categoria Ouro.

Dentre outros prêmios, a Policlínica, em 2007 e 2008, recebeu o Certificado de Excelência na Gestão de Recursos para Assistência à Saúde da Família Militar, por ter atingido o mais elevado padrão de eficiência na Gestão de Recursos destinados para Assistência à Saúde da Família.

Um dos projetos que mais se destaca na PQRio é o “Grupo Viver com Alegria”, iniciativa que trabalha

com o público da Terceira Idade. Em 2003, a Policlínica instituiu o Grupo que, com reuniões semanais cativantes, incentiva a participação dos seus integrantes em atividades que visem à promoção da cultura e do lazer, à programação de passeios turísticos e à participação em festas folclóricas e em apresentações teatrais.

A Policlínica Militar de Niterói situa-se na área do Comando Militar do Leste na Guarnição de Niterói/ São Gonçalo e está diretamente subordinada à 1ª Região Militar (4º Dist Mil/1891) – Região Marechal Hermes da Fonseca. —



Coragem! Eu venci o mundo.

Homenagem aos 130 anos de falecimento do General Osorio

Em 4 de outubro de 1879, falecia, para consternação geral da nação brasileira e das nações onde esteve presente, o mais bravo guerreiro que as Américas jamais viram igual em ação: **Manoel Luis Osorio**.

Foi considerado a deificação da valentia pelos soldados dos quatro países – a Tríplice Aliança e o Paraguai – à frente dos quais resplandeceu o heroísmo épico que o levou, ainda em vida, à glorificação da lenda.

Em que pese todos os títulos nobiliárquicos com os quais foi agraciado pelo Império, passou à história simplesmente através do nome pelo qual os seus comandados o conheciam: “General Osorio!” O grito de guerra que, só de ouvi-lo – “Viva o General Osorio!” – os ânimos se elevavam, o moral se restabelecia e o ímpeto guerreiro se tornava de tal forma irresistível que a vitória era, sempre, a consequência natural da sua presença.

Eis alguns testemunhos, dentre infinitos outros, daqueles que com ele conviveram nos campos de batalha.

“É então que **Osorio** se revela com todas as grandes condições que adornam aquele que comanda, porque um General deve, se possui a bélica inspiração do domínio militar, conhecer o coração de seus soldados, pois que é desse consórcio íntimo que nasce a harmonia do conjunto. **Osorio**, dizia, tirando proveito tático da formação de suas quatro linhas, restabelece o combate: acode impávido com suas reservas e entrando a cavalo no centro daquela desordem homérica, grita a seus brasileiros: Avante! Viva o Brasil! Avante! Avante! A majestosa serenidade de seu espírito em meio aquela mosqueteria infernal está revelada com sublime estoicismo na patriótica frase. Sua voz estertórica se ouve rodar nesse ambiente de poema, como a eletricidade da coragem que sacode corações de soldados.” (I. J. **Garmendia**, oficial argentino, em declaração sobre a Batalha de Tuiuti)

“... Quando **Osorio** se mostrava, nesses momentos desesperados, de uma solenidade cruel, dizem que os moribundos ainda se erguiam da terra ensanguentada, onde pouco a pouco se finavam, para vê-lo mais uma vez e

morrerem contentes. Isso deve ser exato, porque achando-me sob a pressão de alta e consumidora febre, entrevado, caído para o fundo de uma barraca, estragado pelo reumatismo que me abatia as forças e a coragem, só de ouvir o sinal do herói, de dia, no meu acampamento, levantei-me como que tângido por uma força estranha, também para vê-lo passar, também para ver nesse homem todo o heroísmo da minha nacionalidade, todo o orgulho de um grande país, naquele momento histórico. Diversos chefes também se revelaram por atos de bravura nessa batalha que se iniciava com toda a impetuosidade da força, da paixão e do patriotismo. Todos eles, porém, se resumem no vulto épico do General Osorio.” (Discurso do General **Dantas Barreto**, lido no Instituto Histórico em 24 de Maio de 1909, no aniversário de Tuiuti)

“O Coronel **Martinez**, paraguaio, Comandante dos bravos da defesa de Humaitá e cuja rendição fez chorar até os brasileiros, ao encontrar-se com o General **Moura**, que foi o primeiro dos nossos oficiais a quem falou, perguntou, antes de tudo, onde estava **Osorio**. ‘Esse homem parece um ente sobrenatural’ – continuou o oficial paraguaio. ‘Vi-o praticar tanto heroísmo e a sua coragem me assombrou tanto, que cheguei a proibir aos soldados de atirarem contra ele.’” (Tobias **Monteiro**, sobre o sítio a Humaitá, em “Reminiscências”)

“De repente, destacou-se, na frente de todos, da outra banda daquela em que eu me achava, um homem, de ponche-pala amarelo aos ombros, só, montando num cavalo branco, cujo pelo brilhava à luz do dia, como se fosse um animal todo de prata. Começou o cavaleiro a descer o declive, com a maior calma e majestade, embora se tornasse logo alvo exclusivo de imensa fuzilaria e de tiros de peça da praça cercada. Atônito, perguntei a um soldado de cavalaria: – Quem é aquele que vai ali? – É o General **Osorio**, respondeu-me ele. E de mim se apossou tal frêmito de entusiasmo, que as lágrimas me assomaram aos olhos. Ah! sim, eu bem quisera estar ao seu lado, ante as vistas de todo o Exército Brasileiro! São desses atos e exemplos que

arrastam o homem mais frio e senhor de si à morte e o levam a afrontar os mais extraordinários perigos.” (**Visconde de Taunay**, quando do assalto à praça de Peribebuy)

Se nós, como civis, convidássemos as dezenas de milhões de pessoas que compõem a sociedade civil brasileira para reverenciarmos os 130 anos de falecimento do General **Osorio**, inclusive incentivando-os ao estudo de sua história, talvez nos dissessem: “O que temos nós a ver – dentistas, médicos, engenheiros, bancários, donas de casa, representantes comerciais etc. etc. – com um militar morto há tanto tempo? Ademais, estamos num mundo bélico pós bomba atômica, onde a nanotecnologia é quem dita agora as diretrizes das novas e assombrosas possibilidades. Que utilidade nos teria o estudo de um soldado a cavalo lutando com lança e espada?”

Pedagogicamente, responderíamos: “Quem luta não são as armas, mas os homens. A tecnologia já nasce velha, ao passo que os valores morais são, desde sempre, eternos. Ser militar é opção de vida, mas ser soldado combatente perante as infundáveis guerras que o dia a dia da existência inevitavelmente nos apresenta, para essa batalha todos automaticamente se alistam no instante de seu nascimento e só vão de fato para a reserva após o último alento. O estudo dos grandes militares necessariamente melhor organiza o soldado natural em cada um de nós, não importando qual ofício se exerça. O militar potencializa o soldado, e o torna de fato apto a receber o espírito de resignação, de perseverança e de sacrifício, bases inarredáveis da verdadeira vitória e da glória duradoura, das quais o Divino Mestre do Calvário é o exemplo sublime.”

Muito se sabe desses “rasgos” de **Osorio**. Mas pouco se sabe que ele sempre realizou tudo isso em meio a graves doenças, a dores atrozes, apesar de tudo e de todos e, pior ainda, apesar de si mesmo. Também nós, militares e civis, na vida profissional e nos momentos particulares, não vivenciamos difíceis batalhas quando somos, todos os dias



Luís Osorio - Marquês de Herval
Óleo sobre tela de Joaquim Rocha Fragoso

e em cada instante, obrigados a avançar apesar de tudo?

Enfim, é em extremo simbólico o fato de **Osorio** jamais ter tirado do pescoço o crucifixo que a esposa lhe presenteou quando de seu casamento em 1835. Foi como se ali ele fizesse uma opção definitiva pela cruz do sacrifício sem limites em favor da Pátria, o que o levaria a tornar-se, ao preço de tantas façanhas e sofrimentos, o Exemplo Inexcedível do Dever, tanto para o mundo militar como para todos os brasileiros. E a forma de demonstrarmos a nossa justa gratidão é, mirando-nos nesse exemplo de heroísmo sublime, descobrir então a força e a bravura precisas para lutarmos com inabalável honradez e perseverança em favor dos nossos mais lídimos e patrióticos ideais. —

MAESTRO MARDEN MALUF

Coordenador Artístico das Classes Musicais do BGP

A Imigração Alemã no Brasil

e o 19º Batalhão de Infantaria Motorizado

A imigração alemã ocorreu dentro do ciclo das grandes imigrações europeias no século XIX, após as guerras napoleônicas e o início da Primeira Guerra Mundial, notadamente no período compreendido de 1815 e 1914.

A causa desse processo foi encontrada nos frequentes problemas sociais que ocorreram na Europa. O reflexo disso é que cerca de 10% dos brasileiros atualmente tem ao menos um antepassado alemão.

Causas da Imigração

A Europa, no início do século XIX, passava por novos desenvolvimentos econômicos e a industrialização teve um grande impulso, necessitando de mão de obra especializada, o que causou a ruína de muitos artesãos e trabalhadores da indústria doméstica. Assim, sem poder desenvolver suas atividades artesanais, esses trabalhadores livres começaram a formar um exército de mão de obra (barata) assalariada para a indústria que estava nascendo.

Com o desenvolvimento de novos maquinários também ocorreu o acréscimo da produtividade no campo, reduzindo a procura por mão de obra e causando desemprego de camponeses. Além disso, a Alemanha passava por uma desintegração de sua estrutura feudal, quando muitos camponeses ficaram sem trabalho e sem direito ao uso de terras, ao mesmo tempo em que a população aumentava. Sem terras para viver, camponeses migraram para as cidades, somando-se ao grande número de proletários já existentes.

Nessas mudanças econômicas que agitavam o continente europeu, a indústria desenvolveu as cidades e causou o despovoamento dos campos. À medida que a riqueza aumentava, a saúde e o acesso a novos gêneros alimentícios melhoravam e a população crescia. Dessa forma, os governos europeus incentivaram e encorajaram a emigração, como válvula de controle do aumento da população.

Com o surgimento da máquina a vapor e inovações



Pintura que retrata a chegada dos primeiros imigrantes alemães ao Rio Grande do Sul

como o transatlântico de propulsão a hélice, muitas pessoas se movimentavam entre os continentes, dependendo apenas de decisões pessoais, visando a uma vida melhor, ou mesmo por insatisfação com a situação vigente ou, ainda, por receio de um futuro incerto.

O governo alemão também encorajava grupos de empreendedores a conhecer novas terras para conseguir mercado para seus produtos. Em acordo com a Monarquia brasileira, chegou-se a fazer planejamentos e a se contratar administradores e profissionais liberais para a instalação das colônias. Esses homens vinham para o Brasil, acabavam por desenvolver aqui suas atividades laborais e assim também se fixavam à terra.

Entretanto a maioria dos alemães que migraram para o Brasil era normalmente formada de camponeses insatisfeitos com a perda de suas terras, ex-artesãos, trabalhadores livres e empreendedores desejando exercer livremente suas atividades, perseguidos políticos, famílias que perderam tudo e estavam em dificuldades, pessoas que eram chamadas para administrar as colônias ou ainda para realizar trabalhos de nível intelectual.

O Início da imigração

Os primeiros imigrantes alemães foram trazidos ao Brasil a mando do Rei Dom João VI, e começaram a ser instalados

em várias regiões do País. Em 1818, as primeiras famílias foram mandadas para a Bahia. Em 1820, chegaram alemães a Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, assim criando o primeiro município para o qual Dom **João VI** tentava atrair mais imigrantes alemães.

Em 1823, após a Independência do Brasil, foram criados os batalhões de estrangeiros, para garantir a soberania nacional. A busca oficial por colonos alemães nesta fase passou a ser uma política imperial.

No ano de 1824, os alemães chegaram ao Sul do Brasil, sendo assentados à margem do Rio dos Sinos, onde a antiga Real Feitoria do Linho Cânhamo foi adaptada para servir como sede temporária dos recém-chegados à atual cidade de São Leopoldo.

A Colonização no Rio Grande do Sul

A colonização alemã no Rio Grande do Sul foi motivada pela necessidade de povoar o sul do Brasil, a fim de garantir a posse do território, ameaçada pelos vizinhos castelhanos. Além disso, outro objetivo do interesse nos alemães foi recrutar soldados mercenários para reforçar o Exército do Brasil recém-independente.

Foi assim que, no dia 25 de julho de 1824, chegaram a São Leopoldo, inicialmente, 39 imigrantes alemães, mas em apenas um ano a colônia já havia acolhido cerca de mil pessoas. A previsão era de que estas famílias receberiam lotes de 72 hectares para plantar feijão, arroz, milho, mandioca e batata-doce.

Os primeiros colonos vieram de Holstein, Hamburgo, Mecklemburgo e Hannover. Depois, passaram a predominar



Atividade agrícola na colônia

os oriundos de Hunsrück e do Palatinado. Em algumas décadas após o início da imigração, a região do Vale dos Sinos estava quase que completamente ocupada por imigrantes alemães.

A colonização transbordou da região se expandindo por outras áreas do Rio Grande do Sul. É muito notável que a colonização alemã tenha sido efetuada em terras baixas, seguindo o caminho dos rios.

Nos primeiros cinquenta anos de imigração, foram introduzidos entre 20 mil e 28 mil alemães no Rio Grande do Sul. Entre 1824 e 1830 entraram no Rio Grande do Sul cerca de 5.350 alemães. Devido a motivos políticos e por causa da Revolução Farroupilha, a imigração ficou interrompida entre 1830 e 1844, reiniciando-se nos anos de 1844 e 1850, quando chegaram mais 10 mil imigrantes e, entre 1860 e 1889, outros 10 mil. De 1890 a 1914, chegaram mais 17 mil alemães.

Com a Proclamação da República no Brasil, as terras devolutas passaram para os Estados, assim como a responsabilidade pela colonização. Nessa ocasião, o governo positivista do Rio Grande do Sul defendeu a imigração espontânea e a colonização particular.

O quartel do 19º Batalhão de Infantaria Motorizado

Ao final da I Guerra Mundial, interesses políticos indicavam a conveniência da construção de um quartel para o 30º Batalhão de Infantaria, atual 19º Batalhão de Infantaria Motorizado, que havia sido transferido de Porto Alegre para São Leopoldo, aquartelando-se em três prédios, na Rua Brasil, no centro da cidade, cujo aluguel era pago pela Intendência (Prefeitura) local.

Em 07 de janeiro de 1918, o jornal local "A Semana", no seu primeiro número, com data de 15 de setembro, relata assim a primeira participação do Batalhão:



Casa da Feitoria em São Leopoldo (RS)

“São Leopoldo a passos largos vai tomando o aspecto de cidade bonita e moderna. Citaremos, antes de tudo, a vinda do 30º Batalhão de Infantaria, o qual, afirmamos sem errar, trouxe à nossa cidade mais vida e maior movimento. Aproveitamos essas linhas para exprimir a nossa admiração e os nossos aplausos ao Batalhão pelo brilhante garbo com que tomou parte na parada militar no dia 7 de setembro.”

Na véspera do Natal de 1919, correu o boato de que o Batalhão seria transferido para Rio Pardo. O Intendente apelou para o Presidente do Estado, Dr **Borges de Medeiros**, pedindo a sua intervenção dizendo: “A população inteira quer evitar essa medida, que tanto prejudicaria interesses econômicos e a nacionalização deste município”.

A população leopoldense se mobilizou e angariou fundos para a aquisição de um terreno para a construção do quartel. E, assim, em 1922, no ano do Centenário da Independência do Brasil, foi inaugurado o imponente quartel do, à época, 8º Batalhão de Caçadores.



Pavilhão de comando histórico do 19º Batalhão de Infantaria Motorizado

Breve histórico

A história da Unidade iniciou-se no século XVIII, quando, em 1737, foi criado o Batalhão de Artilheiros Fuzileiros, devido às lutas em torno da Colônia de Sacramento. Em 1753, com o combate aos espanhóis no sul do País, começou para o Batalhão uma trajetória de lutas, que viria, mais tarde, a influir nos rumos dos acontecimentos e no desenrolar da história dos estados sulinos do Brasil. Em 1772, a Unidade recebeu a denominação oficial de Regimento de Infantaria de Linha de Santa Catarina e Maranhão. Iniciou-se, assim, para os homens do Regimento, uma vida itinerante, difícil, marcada de muitas missões e heroísmo.

Em 1835, eclodiu a Revolução Farroupilha. O Presidente e Comandante das Forças Armadas de Santa Catarina, General Francisco José Soares de Andréa, criou o Batalhão Provisório para combater os rebeldes, formado

com muitos contingentes, incluindo o Regimento de Infantaria de Linha e denominado Batalhão Provisório da Serra, carinhosamente chamado de Batalhão da Serra.

Integrando as forças do **Barão de Caxias** em 1842, contribuiu para a pacificação da província de São Paulo. No ano seguinte, já com a denominação de 3º Batalhão de Fuzileiros, tomou parte da Batalha de Poncho Verde, em que foi elogiado por **Caxias** pela coragem e por sua prodigiosa atuação nos campos de batalha.

A Unidade participou de inúmeros combates, como: Guerra contra **Oribe e Rosas**; Guerra contra Artigas; Guerra da Cisplatina; Guerra da Tríplice Aliança; Campanha de Canudos; Campanha do Contestado; Atuação contra a Coluna Prestes; Revolução de 1924; Revolução de 1930; Revolução de 1932; e Revolução Democrática de 1964.

Em 1944, foi a Unidade do Rio Grande do Sul que mais contribuiu com efetivos para a Força Expedicionária Brasileira, que foi lutar em terras do continente europeu, assim confirmando suas tradições de valente, intrépida e guerreira.

O final do milênio descortinou novos horizontes para o Batalhão. Em 1993, foi designado Unidade de Pronto Emprego pelo Comando de Operações Terrestres (COTER) e, em 1994, começou a preparar seus efetivos para integrar Operações de Paz, a cargo da Organização das Nações Unidas.

O início das missões internacionais ocorreu em 1996, na Operação Cruzeiro do Sul, realizada na Argentina, e no Exercício Forças Unidas, desenvolvido no Paraguai.

O século 21 trouxe nova destinação, quando o COTER distinguiu a Unidade como Força de Ação Rápida Regional do Comando Militar do Sul. Assim, participou do Exercício Forças Unidas, no Equador, em 2001, e na Argentina, em 2003. Participou, também, das Operações Cabañas, em 2001, na Argentina, e em 2002, no Chile. Participou, ainda, da Missão de Apoio das Nações Unidas no Timor Leste, onde se fez presente em 2000 e 2002.

Em maio de 2004, completando dez anos de adestramento em operações de Força de Paz, a Unidade foi designada para integrar a Missão das Nações Unidas para



O 19º Batalhão de Infantaria Motorizado no Haiti

Estabilização do Haiti (MINUSTAH). A Operação desencadeou-se até dezembro, ocasião em que o 19º Batalhão de Infantaria de Força de Paz, como foi designado, cumpriu missões da Brigada Brasileira de Força de Paz no Haiti. Essa experiência vitoriosa enaltece e dignifica a Unidade neste esforço internacional para preservação da paz.

O seu passado de glórias está marcado na alma de cada um de seus integrantes e assim descrito em partes de sua canção:

*"Se nas horas amargas da guerra
For mister sacrifício e aventura
Como os leões aguerridos da serra
Lutaremos com alma e bravura"*

Homenagem do Batalhão aos 185 anos da imigração alemã em São Leopoldo/RS

No dia 24 de julho de 2009, o 19º Batalhão de Infantaria Motorizado realizou formatura comemorativa aos 185 anos da imigração alemã, numa homenagem à cidade de São Leopoldo. Nesse período, ficou evidente que a colonização alemã contribuiu sobejamente para o Brasil e para o Exército Brasileiro, pois muitos de seus ilustres militares, inclusive generais da ativa e da reserva, destacando-se o Presidente da República **Ernesto Geisel** (74-79), são de origem germânica.



Grupamento dos descendentes de alemães

A formatura ocorreu mediante narração em português e com tradução simultânea em alemão, feita pelo Coronel Capelão RI **Darci Dremer**. A solenidade contou também com a presença de autoridades municipais, representantes da comunidade de origem alemã, rainha e princesas da Corte da São Leopoldo Fest, além de um grupamento, valor subunidade, formado por descendentes de alemães que servem no "Batalhão da Serra".

O historiador **Germano Moehlecke**, que muito contribuiu com a preparação do evento, afirmou que "antigamente não se podia falar alemão no quartel. Muitos jovens que viviam nas colônias somente aprenderam a falar o português quando vieram servir ao Exército nas chamadas Escolas de Formação



Guarda Bandeira conduzindo as Bandeiras do Brasil e da Alemanha

Regimentais". Sobre esse assunto, o General **Flávio Oscar Maurer**, oficial também de descendência alemã, que comandou o 19º BI Mtz em 1990 e 1991, disse que "até bom tempo atrás, a maior parte dos recrutas que servia no 19º BI Mtz vinha da colônia, sendo o serviço militar um excelente instrumento de socialização e de brasilidade".

O 3º Sargento **Israel Steinnetz** acredita que "a atividade desenvolvida pelo Batalhão foi um resgate histórico para todas as famílias de descendência alemã que, com muito esforço, contribuíram para o desenvolvimento local".

Após a formatura, o público presente acompanhou uma apresentação do Departamento de Tradições Gaúchas "Leão da Serra", que mostrou danças típicas gaúchas e uma encenação da chegada dos imigrantes alemães à cidade.

Coroando a atividade, foi servido um coquetel com o requinte da gastronomia alemã.



Coquetel realizado no Galpão Crioulo do Batalhão

Hoje, a bem sucedida São Leopoldo é fruto da esperança dos imigrantes do passado, que deixaram marcas permanentes, inclusive no quartel do 19º BI Mtz, por meio da presença e do trabalho de representantes das famílias alemãs **Wolf, Schmidt, Schäfer, Weber, Lauermann, Klein, Roth**, dentre tantas outras.

Segundo o Comandante do Batalhão, o ponto mais alto da solenidade certamente foi o conagração das culturas e a emoção de voltar no tempo e recordar a saga dos imigrantes que desbravaram estas terras com nome de santo. Parabéns, São Leopoldo, berço da imigração alemã no Rio Grande do Sul. —

Os Fortes da 6ª Região Militar

O surgimento dos Fortes na Bahia confunde-se com a fundação da cidade de Salvador. A necessidade de proteger a então capital do Brasil e assegurar a soberania sobre o território recém-descoberto fez dos fortes o principal sistema de defesa do Brasil colônia. Atualmente, as fortalezas representam a história viva do País, por guardarem, em suas muralhas, páginas de um passado vitorioso de luta contra os invasores.

Forte de Mont Serrat



Foto: Esmeraldo Souza

O Forte de Mont Serrat é considerado uma das melhores obras militares do Brasil colônia. Com um desenho “tipo italiano”, possuía, originalmente, ponte levadiça entre a rampa e o terrapleno. Situado na Península de Itapagipe, foi construído por volta de 1583, no governo de **Manoel Telles Barreto**. Inicialmente, era apenas um fortim, porém, entre os anos de 1591 e 1602, foi reformado e dotado de maior poder ofensivo. Desde então, até início do século XIX, foi conhecido como Forte de São Felipe, sendo, às vezes, também chamado de Fortaleza ou Castelo de Itapagipe. Do Forte é possível avistar a Baía de Todos os Santos, a Ilha de Itaparica e a Cidade Baixa. As suas instalações foram utilizadas como Quartel-General, em 1624, pelo General **Van Dorth**, comandante das forças holandesas que invadiram a Bahia.

Forte de Santo Alberto



O Forte de Santo Alberto, construído entre os anos de 1590 e 1610, está situado próximo à praia de Água de Meninos, entre a cidade e a Ponta de Mont Serrat. Devido a sua proximidade com o mar, já foi também conhecido como: Forte de Santiago de Água de Meninos, Forte de Água de Meninos, Fortinho dos Franceses e, por último, Forte de Santo Alberto. O Forte não tem sua própria história, não se sabe ao certo quem o construiu, sabe-se apenas que foi bem localizado e que tinha por finalidade proteger o ancoradouro de Água de Meninos. Inicialmente banhado pelo mar, hoje, encontra-se afastado em virtude de aterro necessário às obras do porto.

Forte de Santo Antônio Além do Carmo



Forte São Marcelo

O Forte de São Marcelo, também chamado de Forte de Nossa Senhora do Pópulo, está situado em um banco de areia no meio do ancoradouro do Porto de Salvador, no local mais antigo da cidade. Possui forma circular e é constituído por um torreão central, envolvido por um anel, medindo 15 metros. Além de defender a cidade de Salvador, o Forte serviu de prisão, abrigando o revolucionário gaúcho **Bento Gonçalves**, chefe da Revolução Farroupilha, e outros presos da Revolução Sabinada e Insurreição dos Malês.

Após ter permanecido mais de 40 anos fechado, o Forte São Marcelo passou por uma reforma em março de 2006 e foi reaberto ao público no ano de 2008, tornando-se um dos referenciais da cultura de Salvador. Em suas instalações, funciona a sede da Associação Brasileira dos Amigos das Fortificações Militares e Sítios Históricos (ABRAF), que inaugurou, em 2008, a “Caravela Quinhentista”, denominada historicamente como “Príncipe Regente”. Desde sua reabertura para visitação, é realizado, diariamente, um passeio náutico, oportunidade em que são apresentados aspectos da evolução histórica da cidade de Salvador, com textos sobre os monumentos, os personagens de vulto e a evolução física e cultural da capital soteropolitana. Ao adentrar a caravela, o visitante depara-se com uma tripulação caracterizada com uniformes de época e participa de uma encenação, na qual são convidados a proteger o Reino de Portugal, Brasil e Algarves.



Foto: Esmeraldo Souza

Forte de São Diogo



Foto: Esmeraldo Souza

O Forte de Santo Antônio Além do Carmo, situado próximo à igreja de Santo Antônio Além do Carmo, teve sua construção iniciada, como muitos outros baluartes do sistema defensivo de Salvador, no século XVII, após a expulsão dos holandeses em 1625. Antecedido por um conjunto de trincheiras, foi uma importante prisão do século passado e abrigou, por muitos anos, indigentes, funcionando a maior parte de seu tempo como Casa de Detenção.

Atualmente, está sob a responsabilidade do Governo do Estado da Bahia, que promoveu a restauração da velha fortaleza, possibilitando sua reabertura para visitação pública.

O Forte de São Diogo, localizado no Porto da Barra, foi construído no ano de 1629, por ordem de D. **Diogo Luiz de Oliveira**, porém só atuou belicamente no ano de 1638, por ocasião da invasão holandesa, quando Maurício de Nassau enviou sua tropa contra a cidade. Sua função era de impedir o acesso de embarcações inimigas pelas praias da região, realizando um bloqueio marítimo, juntamente com o Forte de Santo Antônio da Barra e, principalmente, com o Forte de Santa Maria.

O Forte de São Diogo é, atualmente, mantido pelo Comando da 6ª Região Militar e sedia o projeto “Fortes Históricos” da Região Marechal Cantuária. O forte é um importante centro cultural, encontra-se aberto ao público, que, ao adentrar a fortificação, depara-se com uma bela imagem marinha da Baía de Todos os Santos, com a ilha de Itaparica no horizonte.

Forte de Santa Maria

O Forte de Santa Maria está situado na extremidade de uma pequena enseada no Porto da Barra, local originalmente conhecido como Porto de Vila Velha. Foi construído para, juntamente com o Forte de São Diogo e com o Forte de Santo Antônio da Barra, impedir investidas dos invasores contra a cidade.



Foto: Esmeraldo Souza

A época de sua construção é incerta, sabe-se apenas que, no ano de 1638, ele já existia e que passou por uma reforma no final do século XVII, assumindo o aspecto atual. Edificado diretamente sobre uma rocha, apresenta forma de polígono irregular e possui uma notável inserção paisagística e grande notoriedade arquitetônica, de influência Italiana, como outros fortes construídos no mesmo período.

O monumento foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 24 de maio de 1938. Atualmente, encontra-se fechado para visitação pública e sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal de Salvador.

Forte de Santo Antônio da Barra (Farol da Barra)

O Forte Santo Antônio da Barra tem sua construção datada do final do século XVII. Considera-se que, nesse local, nasceu a cidade de Salvador, pelo fato de o então Rei de Portugal, D. Miguel – O Venturoso –, ter lançado ali o marco para simbolizar a posse da terra.

Construído com a função de impedir a entrada de invasores pelo porto da então capital da colônia, o Forte foi reedificado, após a ocorrência de um naufrágio em suas proximidades, e recebeu um farol, que, até hoje, orienta os navegantes.

Consagrado como o “Farol da Barra”, esse imponente Forte é, atualmente, um dos mais característicos pontos turísticos de Salvador e sedia o Museu Náutico da Marinha do Brasil.

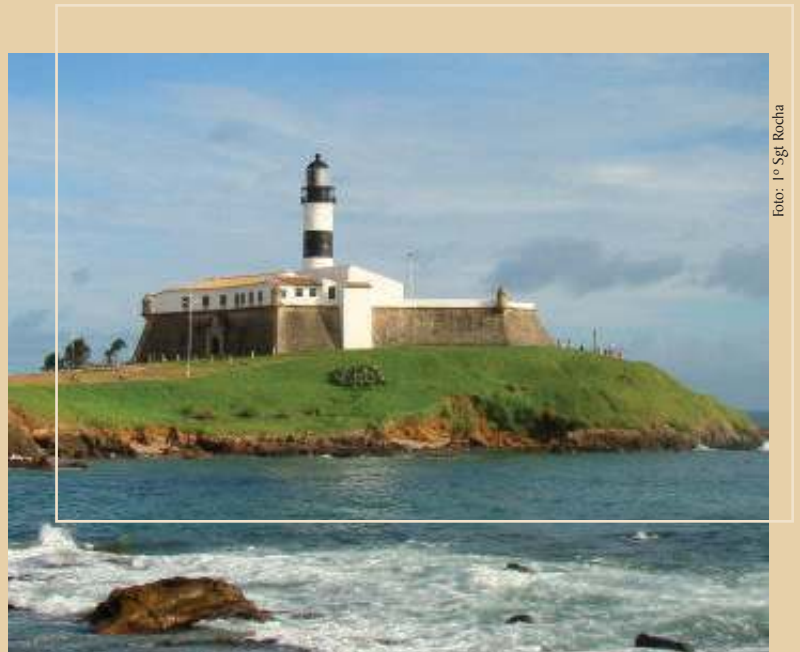
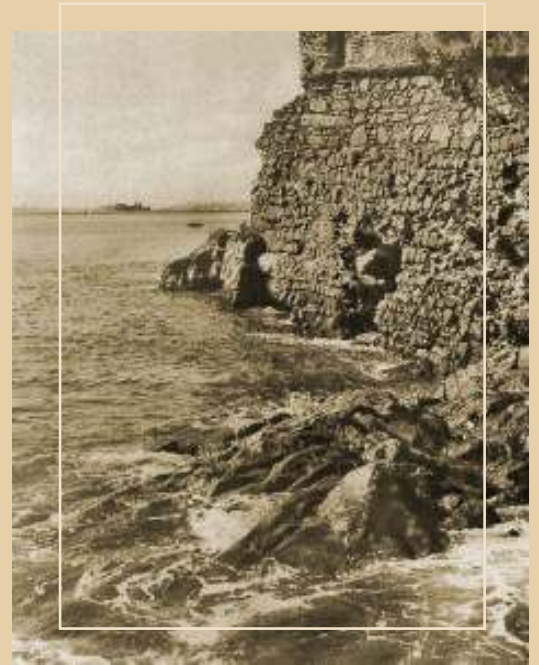


Foto: 1º Sgt. Rocha

Forte de São Paulo da Gamboa



O Forte de São Paulo da Gamboa, inaugurado no ano 1722, está situado entre o mar e a montanha. Recebeu esse nome por ter sido construído sobre uma vala, ou gamboa, na base de uma montanha, e por integrar o sistema defensivo do Sul de Salvador junto com o Forte de São Pedro. Oferece uma bela visão da Baía de Todos os Santos e, no seu entorno imediato, estão localizados os últimos exemplares do casario do bairro da Gamboa de Baixo.

De propriedade da União, o monumento foi tombado pelo IPHAN, em 24 de maio de 1938, e encontra-se sob a posse da Fazenda e fechado à visitação.

Forte de São Pedro



Foto: Esmeraldo Souza

O Forte de São Pedro, localizado ao sul da cidade, situava-se, na época de sua construção, em uma estreita e alta faixa de terra. Anteriormente, circundava-o, ao oriente, um extenso dique e, ao ocidente, as águas da Baía de Todos os Santos. Originou-se das antigas trincheiras, levantadas após a expulsão dos holandeses, ao lado da Ermida de São Pedro, nas chamadas Portas de Vila Velha.

Caracteriza-se como mais uma fortificação erguida em defesa da cidade de Salvador, pois barrava o acesso do inimigo por terra e por mar. Hoje está próximo ao Campo Grande, local por onde passa o circuito carnavalesco da cidade alta, e abriga duas Unidades do Exército Brasileiro, o 6º Depósito de Suprimento e a 17ª Circunscrição do Serviço Militar.

Forte do Barbalho

O Forte do Barbalho foi construído, no ano de 1638, em um terreno doado pelos frades do Carmo, de onde veio o seu primeiro nome, Fortaleza de Nossa Senhora do Monte Carmelo (ou do Carmo). Passou a chamar-se Forte do Barbalho, no ano de 1639, quando o então Governador da Bahia, **Pedro da Silva**, decidiu prestar uma homenagem ao bravo militar pernambucano **Luiz Bezerra Barbalho**, por sua dedicação na reforma do forte.

Posteriormente, o forte foi reconstruído em alvenaria de pedra e cal e suas obras foram concluídas no ano de 1736. Um plano de fortificação da Cidade de Salvador, elaborado por João Massé anos antes, já indicava a existência desse Forte com os contornos que ainda mantém, apesar das inúmeras reformas por que passou.

Na defesa da cidade, o Forte do Barbalho teve um papel importante, pois a sua posição estratégica impedia por completo, pela harmonia dos seus fogos com os do Forte de Santo Antônio Além do Carmo, qualquer investida do

inimigo por terra na direção Nordeste. Na direção do Leste, os seus fogos juntamente com os da trincheira, combinados, ameaçavam qualquer invasor; como também, na direção Norte, podiam atingir uma grande parte da Baía de Todos os Santos.

Nos dias atuais, está sob a responsabilidade do Governo do Estado da Bahia e, apesar da sua importância histórico-cultural, encontra-se fechado à visitação.





Produtos 100% Nacionais - Direto da Fábrica!!
55 15 3305-8547



Entregamos sem custo para todo o Brasil

LANÇAMENTOS!

Barreira Plástica
Empilhável
0,55m

Peso
de 7kg
a 30kg

**CONFIRA
NOSSOS
REGISTROS DE
PREÇOS**

Barril Compacto

1,10m
DE
ALTA
EFICIÊNCIA

Peso
de 3kg
a 20kg

Solicite Catálogo Completo



00602-A
Placa advertência



00701-P
Cone octogonal



00601-V
Placa Advertência



00602-A
Placa advertência



00605-SC
Seta cone



00603-SI
Seta Eletrônica com Pedestal



00202-P
Balizador redondo



00204-P
Balizador fixo

Cone 0,75m
duas file

ESTAMOS APTOS A PARTICIPAR DE LICITAÇÕES!



Cone 1,07m
00703-L



Cone 1,20m
00704-L



Cone 0,75m
00701-L



Balizador
00207-99R



Cone 51a reflexiva
00312B



Norma ABNT 15071
com Super Ponto
00350



Placa de Advertência
Interna pr Cone 0,55m
00601-BRR



Cone barril
00705



Balizador com viga
00202-L



Separador de fluxo
00303-L



Barreira desmontável
00105



Seta Luminosa 2,00x1,80m PVC
00604-SL



Cone 0,55m com viga
00400



Cavalete com Viga
00110



Cavalete desmontável
00101-L



Barreira empilhável
00104



Linha Completa de Produtos em Nosso Site: www.planetasinalizacao.com.br
Via Municipal Benedito Faustino da Rosa, 2041 - Jd. Wanderlei - Tatuí-SP - CEP 18 277-430



Escola Superior de Guerra

60 anos de trajetória



A Escola Superior de Guerra (ESG) foi criada em 20 de agosto de 1949, sob a influência das experiências obtidas por um grupo de militares, capitaneados pelo Marechal **César Obino**, após o segundo Conflito Mundial e diante dos prenúncios de uma nova ordem, apontados pelo início da guerra fria. Esses militares acreditavam que o país poderia tornar-se uma grande potência desde que houvesse vontade política e, sobretudo, gerasse um método de planejamento próprio.

Seu primeiro Comandante e Diretor de Estudos foi o então General **Cordeiro de Farias**, que, em conjunto com outros oficiais, dentre os quais se destaca o Marechal **Juarez Távara**, dedicou-se a elaborar uma doutrina original estruturada com base nos campos político, econômico, psicossocial, científico-tecnológico e, também, militar.

A busca pelo estímulo intelectual multidisciplinar fez com que, em 1951, além de militares dos estamentos superiores das três Forças, a Escola recebesse, ainda, contribuição de civis do mais alto nível.

Nestes 60 anos, mais de 8 mil “Esguianos” foram diplomados. Dentre eles, 4 Presidentes da República; 45 Ministros de Estado; 20 Senadores; 31 Deputados Federais; e grande número de personalidades notáveis do cenário político brasileiro.

A ESG é um Instituto de Altos Estudos diretamente subordinado ao Ministro da Defesa. Sua missão é desenvolver e consolidar os conhecimentos necessários para o exercício das funções de direção e para o planejamento da Segurança e Defesa Nacionais, sendo considerados, também, aspectos relacionados ao Desenvolvimento Nacional.

As atividades de estudos da Escola Superior de Guerra estimulam a troca de experiências entre profissionais de diversas formações e origens e incentivam a busca pelas atividades de pesquisa, ampliação da fronteira do conhecimento.

Na ESG, os discentes militares e civis, de todas as regiões do Brasil, são estagiários e exercitam, junto aos



Apresentação de estagiários em início de curso

docentes do Corpo Permanente, métodos de trabalho, individual e em grupo, baseados na colaboração mútua.

Com um Corpo Docente integrado por Mestres e Doutores, a ESG desenvolve os seguintes cursos regulares:

- Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia – 40 semanas;
- Curso Superior de Inteligência Estratégica – 21 semanas;
- Curso de Estado-Maior Combinado – 13 semanas (exclusivo para oficiais superiores das Forças Armadas);
- Curso de Logística e Mobilização Nacional – 13 semanas; e
- Curso de Gestão de Recursos de Defesa – 9 semanas.

O sistema de seleção de estagiários para a Escola Superior de Guerra é rigoroso.

Inicialmente, instituições como ministérios, órgãos federais, estaduais e municipais, associações, entidades de classes, empresas e universidades públicas e privadas, recebem convites da Escola para que enviem suas indicações de candidatos. As Forças Armadas indicam seus militares e servidores civis por critérios próprios.

Por fim, todos os nomes selecionados pela ESG são ratificados pelo Ministro de Estado da Defesa.

A ESG conta com um eficaz sistema de ensino, que



Auditório da Escola Superior de Guerra

compreende conferências, palestras, discussões dirigidas, visitas, viagens de estudo e trabalhos em grupo.

No apoio acadêmico, destaca-se a Biblioteca Cordeiro de Farias, que possui um acervo de aproximadamente 50 mil obras, entre publicações, monografias, livros, CDs e DVDs, além da participação na rede bibliodata.

A estrutura organizacional da ESG engloba, além da Direção da Escola e suas Assessorias, um Departamento de Estudos, um Departamento de Administração, um Centro de Estudos Estratégicos e um Centro de Atividades Externas. O Departamento de Estudos é o setor responsável por conduzir os cinco cursos regulares ministrados pela ESG.

Entre suas atribuições, podemos destacar o aperfeiçoamento sistemático do processo de aprendizagem do estagiário e o planejamento do futuro da Escola. É o Departamento de Estudos que realiza os contratos de parceria entre Institutos de Ensino Superior e centros de pesquisa para o enriquecimento das atividades curriculares.



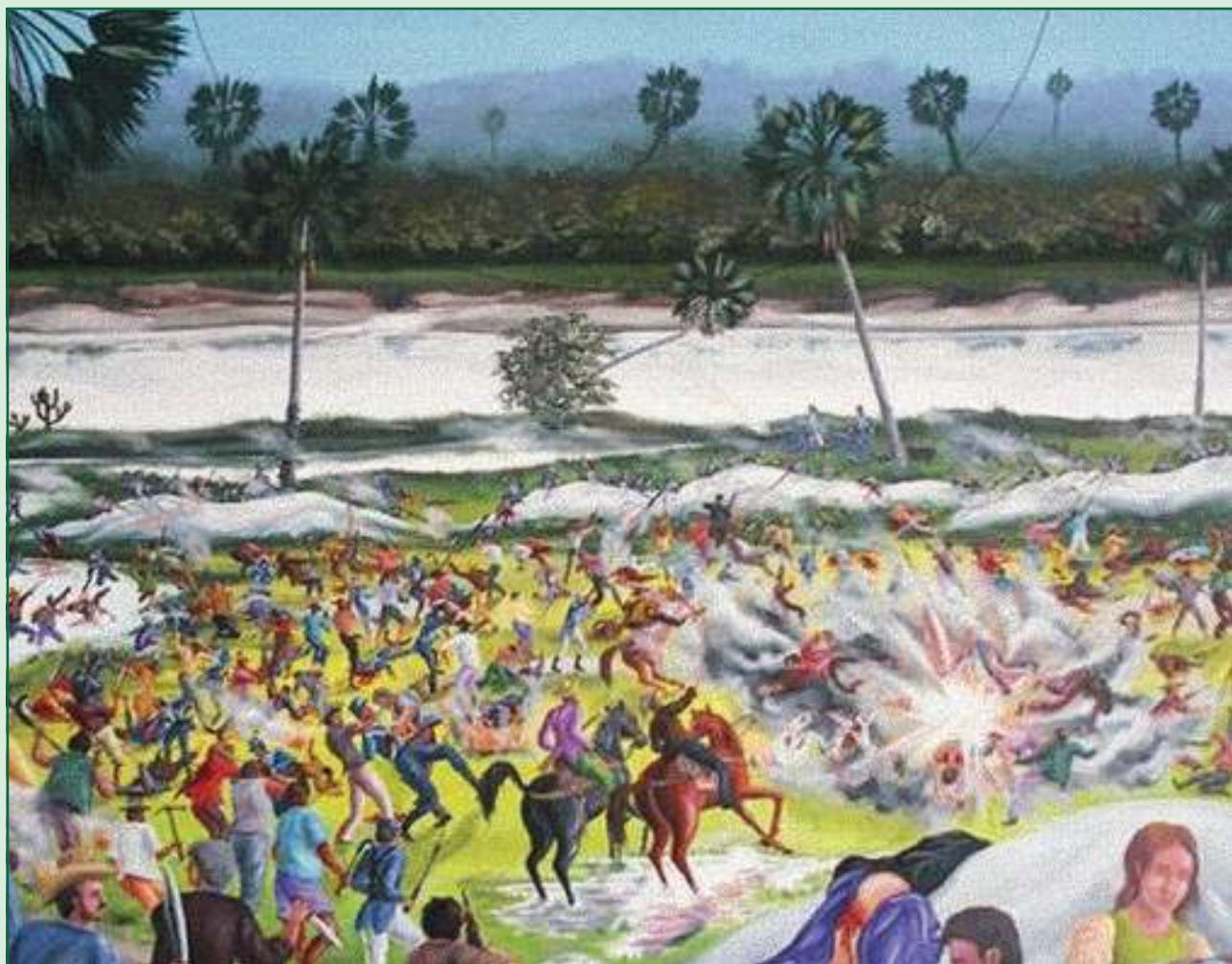
Parte do acervo da Biblioteca da Escola Superior de Guerra

O Centro de Estudos Estratégicos é integrado por uma equipe de analistas e pesquisadores seniores, que acompanham os fatos nacionais e internacionais de interesse da conjuntura brasileira, e representa um elo com o meio acadêmico, publicando e divulgando a produção intelectual da Escola e mantendo parcerias com centros de pesquisa, civil e militar, no Brasil e no Exterior.

O Centro de Atividades Externas organiza ciclos de estudos, seminários, simpósios e conferências, coordena a participação da Escola em eventos nacionais e internacionais e, ainda, conduz o Curso de Atualização da ESG.

Os conceitos fundamentais e o método de planejamento estratégico preconizados pela Escola são difundidos pelo Brasil por intermédio da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG).

A ADESG foi criada pela primeira turma de diplomados da ESG e tem 29 Delegacias, uma em cada capital dos Estados, no Distrito Federal e no Triângulo Mineiro, além de representações em cidades importantes. —



Panel de autoria de Francisco José Soares da Paz (Art Paz)

Batalha de Jenipapo

A Batalha de Jenipapo aconteceu em 13 de março de 1823. Ocorreu às margens do riacho de mesmo nome e foi uma batalha decisiva para a Independência do Brasil e a consolidação do território nacional.

Confronto dos mais sangrentos, travado entre piauienses, maranhenses e cearenses contra as tropas do Major **João José da Cunha Fidié**, comandante das tropas portuguesas, encarregadas de manter o norte da ex-colônia fiel à Coroa Portuguesa.

Norte e Nordeste para a coroa lusitana

Quando D. **João VI** voltou a Portugal, depois de 13 anos vivendo no Brasil, um acordo diplomático dava a quase certeza de que o nosso País se tornaria independente em pouco tempo. A esperança portuguesa era conservar uma

parte do território para continuar com uma colônia em solo americano. Uma parcela do Nordeste e o Norte brasileiro continuariam dando ao espírito colonialista lusitano a proeza da presença nos cinco continentes.

Era fundamental para a manutenção do sonho português o domínio sobre as terras de São José do Piauí. Para tanto, foi enviado a Oeiras, a capital da província, o Major **João José da Cunha Fidié**, militar de grande experiência, que lutara inclusive contra o exército de Napoleão Bonaparte.

Outro interesse que movia a coroa lusitana era o fato de a economia piauiense, por essa época, ser uma das mais consolidadas do Brasil. A manufatura da carne de charque, desenvolvida em Parnaíba antes que nos pampas e baseada no grande rebanho bovino que se instalara no Piauí, abastecia as províncias vizinhas e era enviada para fora do País. Além disso, a cana-de-açúcar, o fumo e o algodão eram produzidos em grande escala.

Heróis anônimos fazendo a História

Em 19 de outubro de 1822, os parnaibanos aderiram à Independência proclamada por D. **Pedro I**. Imediatamente, o Major **Fidié** foi convocado para sufocar a insurreição. Após uma viagem desgastante de 36 dias, enfrentando a mata tropical, as feras e os silvícolas, com a soldadesca tendo que fazer o trajeto a pé, os portugueses encontraram a vila praticamente vazia. Os revolucionários, sabendo da vinda dos portugueses, refugiaram-se no Ceará.

Depois de 70 dias no litoral, **Fidié** foi informado de que o fervor separatista havia chegado a Oeiras, onde a adesão à Independência foi proclamada em 24 de janeiro de 1823. Então, só lhe restava fazer o caminho de volta, passando por Campo Maior, onde também havia um movimento rebelde.

No dia 11 de março, na Lagoa do Jacaré, onde hoje situa-se o município de Piracuruca, houve as primeiras escaramuças entre a tropa de mil e trezentos soldados, com modernos armamentos e mais de uma dezena de canhões, e os insurretos. Em 13 de março de 1823, às margens do riacho Jenipapo, escrevia-se a página mais heróica na história das lutas pela independência do Brasil.

Os combatentes piauienses, vaqueiros, homens da lavoura e escravos, a pelejar contra profissionais da guerra com paus, pedras, foices e facões, vencendo o medo, a tirania... o atraso... vencendo a morte.



Portal na BR-343, proximidade do Monumento aos Mortos

O Campo Maior da liberdade brasileira

O cheiro de pólvora ainda parece estar no ar. Os ouvidos, presos ao silêncio dos sonhos imortais, ainda podem captar imprecizações, brados de honra e valentia. Mas o que volta daqueles campos do passado, cada dia com maior força, é a vontade que nutriam aqueles homens de ver realizarem-se as transformações que a sociedade necessitava.

Os historiadores contam as perdas entre 200 e 400 homens, com pouquíssimas baixas do lado português. Mas a vitória de **Fidié** se desfez em fumaça. Usando táticas de guerrilha, os rebelados subtraíram-lhe a água, os mantimentos, a munição e um pequeno tesouro que ele trouxera de Parnaíba. Em 31 de julho, **Fidié** foi aprisionado nas imediações de **Caxias**, no estado do Maranhão. Posteriormente foi conduzido a Oeiras e deportado para Portugal.

Nos campos maiores do Piauí, raiou mais liberdade e se fez a união do Brasil. A Batalha do Jenipapo precipitou a independência de toda a região norte do País.

As armas da Batalha, hoje, são apenas traços de lembranças num monumento em que os heróis descansam aliviados. E o que sobrevive incólume no peito forte é a vontade de ver a gente piauiense usufruindo de toda a grandeza da nossa terra. —



Monumento aos Heróis da Batalha de Jenipapo em Campo Maior (PI)

Fonte: Encarte histórico da Batalha do Jenipapo.
Material fornecido pelo 2º Batalhão
de Engenharia de Construção Teresina/PI.



Operação Laguna

Marinha, Exército
e Aeronáutica
na Fronteira Oeste

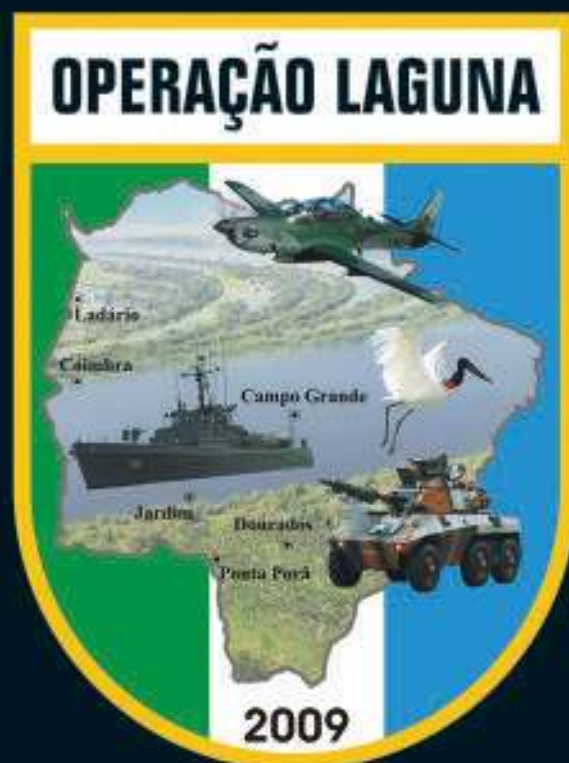
Foto: Sgt Johnson Barros - FAB

O estado do Mato Grosso do Sul foi o cenário da Operação Laguna, Exercício de Adestramento Combinado realizado pelas Forças Armadas Brasileiras, sob a coordenação do Ministério da Defesa.

De 28 de setembro a 9 de outubro de 2009, cerca de 2.800 homens, sendo 910 da Marinha, 1.440 do Exército e 450 da Força Aérea, participaram de missões simuladas e reais, e contaram com toda uma estrutura de apoio, que incluiu até mesmo a participação de empresas civis.

Esse tipo de exercício é desenvolvido anualmente em um sistema de rodízio em regiões do Brasil e tem como foco principal promover o treinamento das Forças Armadas Brasileiras a partir da simulação de um conflito. Os principais objetivos da Operação Laguna foram:

- aperfeiçoar a Logística conjunta das Forças Armadas;
- treinar ações humanitárias e de apoio a evacuados em uma situação de conflito simulado;
- difundir o sentimento de patriotismo junto à população; e
- realizar ações de apoio à população das localidades da área do exercício.



O cenário do conflito

País Verde x País Amarelo

O estado foi dividido em dois países a fim de proporcionar o Teatro de Operação perfeito para o desenvolvimento das atividades militares. Dentro do cenário fictício, montado para a Operação Laguna, as Forças Armadas Verdes foram convocadas para apoiar a retirada dos cidadãos verdianos que residiam no país Amarelo e estavam sendo hostilizados pelo governo. Uma grande operação militar foi planejada para auxiliar o retorno dos verdianos e protegê-los contra qualquer ameaça por parte das Forças Armadas Amarelas.



Reunião de ambientação da Operação Laguna

As atividades da Operação Laguna tiveram início no dia 28 de setembro, quando os envolvidos participaram de uma reunião de ambientação conduzida pelo Comandante Militar do Oeste e Comandante do Comando Combinado da Operação.

Durante a reunião, foram apresentados os principais pontos e a cronologia de toda a Operação Laguna, bem como todas as informações necessárias para que cada setor desenvolvesse suas atividades.

As tropas verdes, cujo Comando estava concentrado em Campo Grande, penetrariam no território amarelo; estabeleceriam uma linha de segurança; entrariam em contato com os cidadãos verdianos; montariam Centros de Controle de Evacuados (CCE), onde fariam uma triagem dos evacuados e dos refugiados, a fim de identificar possíveis ameaças; e só então começariam a retroceder para o território verde.

Em 29 de setembro, ocorreram as primeiras atividades desse conflito simulado quando um grupo de precursores da Brigada de Infantaria Paraquedista do Exército, transportados por uma aeronave C-105 Amazonas, saltou próximo ao município de Jardim em uma missão de infiltração.

A missão dos precursores foi preparar a zona de lançamento para um grupo de uma centena de paraquedistas, que, no dia seguinte, dominou a área,

estabeleceu uma posição, realizando o patrulhamento e a proteção do terreno, enquanto aguardava a chegada das tropas da 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada (4ª Bda C Mec), tropa da Força Terrestre Dourados. Essa ligação da tropa terrestre com a paraquedista deveria ser rapidamente efetuada, uma vez que, quando lançada por aeronave, a tropa paraquedista possui certas limitações logísticas, como a reduzida quantidade de munição e de itens de alimentação e, por isso, necessita de ressuprimento em curto espaço de tempo. Até que a junção ocorresse, os paraquedistas



Infiltração da Brigada de Infantaria Paraquedista na região de Jardim



receberiam suprimentos por meio de aeronaves de transporte da Força Aérea, que eram escoltadas por caças e contavam com o apoio de aeronaves de reabastecimento e de alerta aéreo.

Além da junção com a tropa paraquedista, a 4ª Bda C Mec foi responsável pela montagem de um Centro de Controle de Evacuados (CCE) na cidade de Bela Vista. Esse Centro, junto com os de Ladário, Forte Coimbra e Ponta Porã, tinham por missão o atendimento aos cidadãos evacuados e refugiados. Durante o funcionamento dos CCE, foram realizados treinamentos para atuação em casos de calamidade, que consistiam em triagem de pessoal, ações cívico-sociais e deslocamento dos evacuados e refugiados para um local seguro.

Apoio Fluvial

Ao mesmo tempo em que os paraquedistas eram lançados, começava o movimento de embarcações da Força Combinada Ladário, um conjunto de onze embarcações pertencentes à flotilha do 6º Distrito Naval, cuja missão era descer o Rio Paraguai em direção à área de exercícios, localizada em Forte Coimbra, a 194 km de Corumbá.

Ao longo desse trajeto, as tripulações, compostas por militares do Comando do 6º Distrito Naval, da Força de Fuzileiros da Esquadra e do Comando-em-Chefe da Esquadra realizaram o treinamento de proteção, segurança,

transporte e logística do contingente, visando contribuir com o desembarque ribeirinho e com a retirada dos civis da região do Morro do Azeite, ao sul de Corumbá.



Movimento de embarcações da Força Combinada Ladário

Apoio aéreo

Todo o apoio aéreo da Operação Laguna foi feito pela Força Aérea Combinada 105 (FAC 105), sediada na Base Aérea de Campo Grande.

Durante todos os dias da Operação, a FAC 105 utilizou aeronaves C-130 Hércules, KC-130, C-105 Amazonas, os caças F-5EM e A-29 Super Tucano e o avião-radar E-99. Essas aeronaves foram empregadas em missões de transporte de tropas e ressuprimento, patrulhamento do espaço aéreo, escolta das aeronaves de transporte e reabastecimento em voo.



Foto: Sgt Johnson Barões - FAB

Aeronave C-130 Hércules em missão de transporte de tropa

A Mão Amiga

Nem todas as missões da Operação Laguna eram de combate. Os profissionais de Saúde das Forças Armadas foram empregados em missões de auxílio às populações.

Enquanto o Navio de Assistência Hospitalar Tenente Maximiano, da Marinha do Brasil, efetuava o atendimento médico-odontológico em cinco localidades ribeirinhas, nas cidades de Guia Lopes da Laguna, Albuquerque e Santo Antônio do Leverger, militares da 4ª Brigada de Cavalaria



*Deslocamento de tropas da
4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada*



Ação cívico-social durante a Operação Laguna

Mecanizada, da 18ª Brigada de Infantaria de Fronteira e do 44º Batalhão de Infantaria Motorizado organizaram Ações Cívico-Sociais (ACISO) e uma série de atendimentos médico-odontológicos à população local. Além disso, as parcerias com o SENAI, com as prefeituras municipais e com os órgãos de segurança pública proporcionaram à população local a possibilidade de confeccionar documentos, usufruir de serviços e participar de atividades recreativas e culturais.

Todas essas atividades humanitárias contribuíram para a aproximação entre as Forças Armadas e a população da área, ao mesmo tempo em que era realizado o adestramento do efetivo da área de saúde.



População local recebendo atendimento de saúde

Mobilização dos Reservistas

Na hipótese de um conflito real, antes mesmo dos primeiros combates, as Forças Armadas Brasileiras iniciariam a convocação e a preparação de seus reservistas, caracterizando, na Operação Laguna, a mobilização de efetivos da reserva não remunerada.

A eficiência do planejamento e da execução da convocação de reservistas foi testada na 13ª Brigada de Infantaria Motorizada, por meio do 44º Batalhão de Infantaria Motorizado, sediado em Cuiabá(MT), que convocou militares da reserva não remunerada do Exército para um exercício

de mobilização. No total, 263 pessoas foram convocadas para participar da missão, que aconteceu em Santo Antônio do Leverger(MT). Destes, 146 foram selecionados para a mobilização, no período de 25 de setembro a 9 de outubro. Foram selecionados oficiais, sargentos, cabos e soldados, os quais receberam novo treinamento para voltarem a atuar em suas especialidades. O batalhão contou com o apoio da Polícia Militar de Mato Grosso.

Comando Logístico do Teatro de Operações

Um dos principais desafios dos conflitos modernos é manter as linhas de suprimento para os militares. Por meio delas, chegam todos os tipos de víveres e equipamentos às tropas que estão envolvidas no combate. Dentro da Operação Laguna, o órgão responsável por essa missão foi o Comando Logístico do Teatro de Operações (CLTO).

Instalado no prédio da 9ª Região Militar, o CLTO reuniu um grupo de profissionais cuja missão foi planejar e coordenar todo o apoio logístico para as tropas envolvidas. O seu principal objetivo era servir como elemento integrador das logísticas da Marinha, do Exército e da Força Aérea.

A atividade logística é dividida em sete funções: Saúde, Suprimento, Engenharia, Salvamento, Recursos Humanos, Manutenção e Transporte. Cada equipe do CLTO foi responsável por uma função específica.

Apoio dos Universitários

Durante todo o exercício, um grupo de doze estudantes de jornalismo da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) integrou a Seção de Comunicação Social da Operação.

Os futuros jornalistas auxiliaram na redação e na produção de reportagens para o *site* oficial do exercício militar na Internet e colaboraram com os profissionais das Forças Armadas em todas as atividades de Assessoria de Imprensa. Esse tipo de experiência foi enriquecedor para ambas as partes, uma vez que possibilitou a aproximação e a troca de experiências entre as Forças Armadas, as Instituições de Ensino Superior e a Mídia. 🇧🇷



Foto: S. Ten Palenberg



TERREMOTO no Haiti

Foto: S Ten Salmo

No dia 12 de janeiro de 2010, o mundo foi testemunha de um forte terremoto que atingiu o Haiti, provocando sérios danos estruturais na capital Porto Príncipe e um elevado número de vítimas fatais em todo o país.

Na história recente, talvez nenhuma outra catástrofe tenha provocado tanta destruição e horror a um povo já tão sofrido. Das favelas ao Palácio Presidencial do Haiti, a destruição imposta pelos tremores foi enorme, devido ao epicentro do terremoto ter se localizado a pouca distância da capital.

Tudo ocorreu em um momento em que se conquistara a pacificação política do País e se criavam condições para a sua reconstrução por meio de planejamento, realização de obras de infraestrutura e reorganização de seus serviços essenciais.

Ações Militares

A destruição, em Porto Príncipe, atingiu algumas bases do contingente brasileiro da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), provocando mortes e ferimentos em vários militares. Os sistemas de telefonia e internet foram seriamente comprometidos, o

que dificultou o envio de informações exatas e oportunas.

Os deslocamentos motorizados, em razão do volume de escombros lançados nas ruas da capital, tornaram-se impraticáveis. Tal fato, aliado à escuridão e à falta de energia



Resgate de vítimas por militares do BRABATT



Acima e à direita, Sacré Coeur Tugau (Igreja do Sagrado Coração de Maria)

elétrica, prejudicou o levantamento pormenorizado, bem como a real avaliação dos danos causados pelos abalos sísmicos.

A tropa do Batalhão de Infantaria Força de Paz/Haiti (BRABATT) de imediato passou a empregar todo o seu efetivo na segurança das instalações, remoção de escombros, resgate de feridos e patrulhamentos no intuito de evitar o aumento dos índices de violência na cidade de



Porto Príncipe, que permanecia estável no que tange à segurança.

A Companhia de Engenharia de Força de Paz/Haiti (BRAENGCOY) atuou no resgate de feridos e vítimas dos escombros, e, com máquinas e equipamentos de Engenharia, realizou a desobstrução de ruas na capital haitiana.

Além das perdas materiais, 18 militares brasileiros tiveram suas vidas ceifadas. Desde o primeiro momento, o Exército Brasileiro procurou prestar todo o apoio possível e necessário às famílias dos militares, particularmente às dos vitimados.

Tão rápido quanto possível, 16 militares feridos – com traumas, fraturas e escoriações – foram evacuados para o Brasil, enquanto outros seis, com ferimentos de menor gravidade, permaneceram no aquartelamento do BRABATT. Ao desembarcarem no aeroporto de Cumbica-SP, foram imediatamente encaminhados para o Hospital Geral de São Paulo (HGeSP), onde, após cuidadosa avaliação, constatou-



Resgate de ferido no Hotel Montana

-se que se encontravam em condições estáveis, sem necessidade de cuidados de Unidade de Terapia Intensiva. Esses militares foram, então, mantidos em período de observação clínica e tratamento individualizado, assistidos por especialistas médicos e psicólogos e realizando exames complementares. Todos demonstravam equilíbrio emocional nas avaliações médico-psicológicas, relatando apenas muita ansiedade para o reencontro com os seus familiares.

Atendimento à População

Usando todos os meios disponíveis, o Exército Brasileiro no Haiti se empenhou em atender, da melhor forma possível, às vítimas da tragédia. Imediatamente após o terremoto, considerável parcela da população civil, com dificuldade em receber atendimento nos Centros de Saúde de Porto Príncipe, deslocou-se em direção à Base de Comando do Batalhão Brasileiro (BRABATT), menos atingida pelos abalos, à procura de socorro e de auxílio no resgate dos feridos.

A despeito da necessidade de atendimento aos militares atingidos pelo desastre, rapidamente foi aberto um canal de atendimento à população. Devido à demanda, foi criado um Centro de Triagem, ao ar livre, próximo à entrada da



Vista aérea do Hotel Christopher após o terremoto

base. Logo depois, todos os acolhidos foram removidos para uma área de garagem, onde toda a assistência possível foi prestada, diuturnamente.

Dentre os diversos resgates realizados pelo BRABATT e pela BRAENGCOY, destacam-se o do Hotel Montana, parcialmente destruído, onde se encontravam hospedados diversos funcionários das Nações Unidas, e do Hotel Christopher, local onde funcionava o Quartel-General do Comando da MINUSTAH.



População haitiana acolhida pelo BRABATT



Ações de ajuda humanitária

Em 17 de janeiro, no contexto dos esforços da comunidade internacional para suprir as necessidades do povo haitiano, o Exército Brasileiro realizou a distribuição de 29 toneladas de alimentos e 9.000 litros de água no Estádio Sylvio Cator, em Porto Príncipe, para cerca de 3.000 famílias. A operação envolveu cerca de 150 militares, que realizaram a segurança e a logística de distribuição de material.

No dia 21 de janeiro, foi realizada uma Ação Cívico-Social (ACISO) com a distribuição de alimentos e água. A operação foi realizada na Praça Champs de Mars, em frente ao Palácio Nacional, destruído pelo terremoto. Na ocasião, foram empregados 220 militares e 30 veículos, com o atendimento a cerca de 5.000 mil pessoas.

Em uma ação conjunta, tropas do Brasil e dos Estados Unidos realizaram, em 24 de janeiro, uma outra grande operação de entrega de gêneros na maior favela de Porto Príncipe, Cité Soleil, onde se estima que vivam entre 300 a 500 mil pessoas. Dessa vez, foram distribuídas água e cestas básicas contendo arroz, feijão, sardinha e biscoitos.

No dia 28 de janeiro, foram encerrados os trabalhos de perfuração do poço artesiano de número 35 da BRAENGCOY. Com uma profundidade de 68 metros, o poço atingiu uma vazão de 2.000 litros de água por hora. A conclusão dessa missão representou o reinício das atividades de perfuração de poços após o terremoto.

Cerimônia Fúnebre

No dia 19 de janeiro, no Haiti, foi realizada uma cerimônia fúnebre em homenagem aos militares brasileiros vítimas da tragédia. Dentre as autoridades presentes, destacaram-se o novo Representante Especial do Secretário-Geral das Nações Unidas, o Embaixador do Brasil no Haiti,



Foto: S Ten Salviato

Distribuição de alimentos para a população haitiana

o Comandante do Componente Militar da MINUSTAH, representantes do corpo diplomático e representações de tropas desdobradas em Porto Príncipe.

A cerimônia foi marcada pelas demonstrações de apreço e consideração, tendo sido ressaltado pelo Comandante do BRABATT, em suas palavras, o profissionalismo e a capacidade de servir ao próximo daqueles que deram a vida cumprindo sua missão. Em seguida, em uma aeronave C-130(Hércules), os corpos foram trasladados de Porto Príncipe para o Brasil.

No Brasil, as homenagens póstumas foram realizadas na Base Aérea de Brasília. A cerimônia ocorreu no dia 21 de janeiro, sendo os corpos velados em câmara ardente, na forma do que está previsto no cerimonial militar, até a chegada dos familiares.

O ato solene desenvolveu-se de acordo com a seguinte sequência: chegada e recepção da mais alta autoridade; execução do Hino Nacional; imposição da Medalha do Pacificador com Palma; Promoção *Post Mortem*; mensagem do Comandante do Exército; palavras do Presidente da

República; mensagem do Arcebispo Militar; Toque de Silêncio; cumprimento do Presidente da República às famílias; retirada da mais alta autoridade e entrega de Medalhas aos familiares. A Medalha do Pacificador com Palma é concedida aos militares brasileiros que, em tempo

de paz, no exercício de suas funções ou no cumprimento de missões de caráter militar, tenham se distinguido por atos pessoais de abnegação, coragem e bravura, com risco de vida.

A promoção *post mortem* é concedida ao militar que, em pleno serviço ativo, vier a falecer em consequência de ferimentos recebidos em campanha ou na manutenção da ordem

pública, ou em virtude de acidente em serviço. O militar será considerado promovido ao posto ou graduação imediata, na data do falecimento.

Depois da cerimônia de homenagem póstuma, ocorreu o traslado dos corpos dos militares, acompanhados das respectivas famílias, em aeronaves da Força Aérea Brasileira, para serem sepultados em suas cidades de origem. —



Desobstrução de rua pela Engenharia do Exército



Foto: S Ten Chagas

Cerimônia fúnebre realizada no Haiti



A catástrofe do dia 12 de janeiro, no Haiti, desencadeou uma corrente internacional de solidariedade, poucas vezes vista, que será de grande importância não só para evitar a derrocada daquele país, mas também para assegurar o início de sua reconstrução.

Para nós, militares do Exército Brasileiro, que estávamos comemorando os cinco anos de trabalhos e de glórias na missão do Haiti, o sentimento é de

tristeza e de perda. Porém a missão continua. Os ganhos dessa participação, a experiência adquirida ao longo desses anos e a convivência saudável com o povo haitiano, tudo isso nos fortalece e nos torna aptos a recomençar quantas vezes for necessário.

Com orgulho e saudade, sempre serão lembrados os 18 heróis que, naquele dia, tiveram suas vidas interrompidas no cumprimento da missão, porque ELES NÃO MORRERAM EM VÃO.



Base Aérea de Brasília (DF)

Coronel EMILIO CARLOS TORRES DOS SANTOS

Coronel JOÃO ELISEU SOUZA ZANIN

Tenente-coronel MARCUS VINICIUS MACÊDO CYSNEIROS

Major FRANCISCO ADOLFO VIANNA MARTINS FILHO

Major MÁRCIO GUIMARÃES MARTINS

1º Tenente BRUNO RIBEIRO MÁRIO

Subtenente RANIEL BATISTA DE CAMARGOS

2º Sargento DAVI RAMOS DE LIMA

2º Sargento LEONARDO DE CASTRO CARVALHO

3º Sargento RODRIGO DE SOUZA LIMA

Cabo DOUGLAS PEDROTTI NECKEL

Cabo WASHINGTON LUIS DE SOUZA SERAPHIN

Cabo ARÍ DIRCEU FERNANDES JÚNIOR

Soldado TIAGO ANAYA DETIMERMANI

Soldado ANTONIO JOSÉ ANACLETO

Soldado FELIPE GONÇALVES JULIO

Soldado RODRIGO AUGUSTO DA SILVA

Soldado KLEBER DA SILVA SANTOS

“Os exércitos se fortalecem com o sangue de seus heróis”

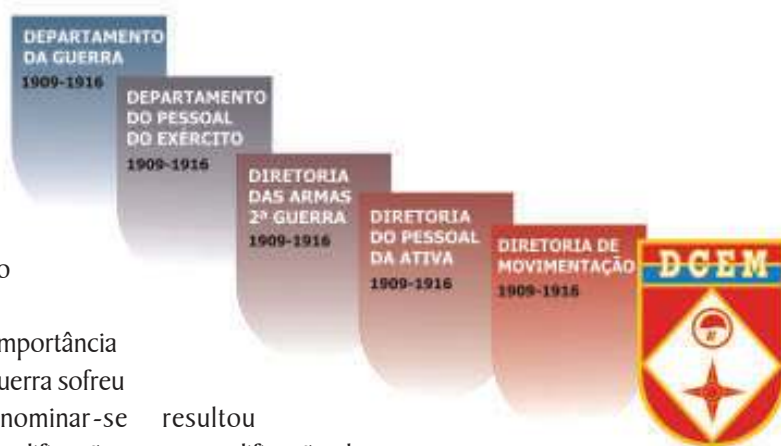
100 anos da DCEM

No dia 24 de agosto de 2009, a Diretoria de Controle de Efetivos e Movimentações (DCEM) completou um século de existência. As suas origens se confundem com a do atual Departamento-Geral do Pessoal (DGP), antigo Departamento da Guerra, que foi criado na cidade do Rio de Janeiro em 1909.

No ano de 1916, em face da crescente importância dos assuntos de pessoal, o Departamento da Guerra sofreu sua primeira reestruturação, passando a denominar-se Departamento do Pessoal do Exército. As modificações ocorridas em 1934, decorrentes da Lei de Organização Geral do Ministério da Guerra, aumentaram as atribuições do Departamento, que passou a ser responsável pela coordenação administrativa e fiscalização das questões relativas ao pessoal da Força. Com o advento da Segunda Guerra Mundial, o aumento da demanda por pessoal

resultou na modificação da sua estrutura, que, a partir de 1942, passou a denominar-se Diretoria das Armas.

Em meados da década de 1950, a nova Organização Básica do Exército alterou sua denominação para Diretoria do Pessoal da Ativa, responsável pela movimentação do pessoal militar e civil. Em 1971, junto com a transferência

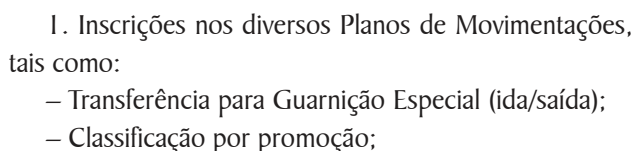


Palácio Duque de Caxias em 1909

No início do século XXI, em face da necessidade de adequação dos sistemas de acompanhamento, de

Buscando proporcionar maior eficácia e transparência, um dos módulos do sistema proporciona um canal de comunicação entre a DCEM, a OM e o militar. Esse sistema foi implantado em substituição a outros antigos sistemas, como o SICAM (Sistema Integrado de Cadastro de Movimentações) e o REC (Requerimento Eletrônico de Cursos), melhorando e inserindo novos recursos, tais como:

O Sistema Unico de Controle de Efetivo e Movimentações (SUCEM) está em processo de desenvolvimento e tem por meta reunir todos os processos de controle de efetivos e movimentações numa única ferramenta, integrada ao Banco de dados corporativo do DGP.



- Classificação por término de curso;
- Nomeação, Recondução e Exoneração de professor em comissão, instrutor e monitor;
- Nivelamento com e sem proposta;



2. Acompanhamento de processos de movimentação por todos os militares.

3. Geração de Relatórios.

Para acessar o sistema, basta utilizar o mesmo usuário e senha de ACESSO ÀS INFORMAÇÕES DO PESSOAL do DGP.



Comemorações do Centenário

A DCEM realizou diversas atividades comemorativas na semana que marcou a passagem do seu centenário. Além de eventos esportivos envolvendo o público interno, ressalta-se a formatura da Diretoria, que contou com a presença de ilustres convidados civis e militares.



Acima, formatura com a Diretoria e, à direita, torneio de futebol em homenagem aos 100 anos da DCEM



Personagem da nossa história



Marechal Olympio
FALCONIERI da Cunha

Natural de Itajaí (SC), **Olympio Falconieri da Cunha** nasceu no dia 19 de junho de 1891.

Em 1912, ingressou na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, e, ainda aspirante, participou da repressão à Revolta do Contestado, ocorrida no sul do País.

Como Oficial subalterno e intermediário, teve grande participação nos movimentos tenentistas da década de 1920, que culminaram com a chegada ao poder de **Getúlio Vargas**, em 1930.

Entre 1931 e 1932, comandou a Força Pública do Estado do Ceará e, em 1933, assumiu a direção da Polícia Militar do Estado de São Paulo, permanecendo no cargo até a chegada do novo interventor.

Realizou o Curso de Comando e Estado-Maior, no Rio de Janeiro, em 1934, e foi promovido ao posto de General de Brigada em 29 de julho de 1943.

Foi designado para integrar a Força Expedicionária Brasileira (FEB) no dia 17 de julho de 1944, sendo inicialmente nomeado Inspetor Geral das Forças Brasileiras, destacado cargo administrativo. Posteriormente, foi

designado Comandante dos Órgãos Não Divisionários, que tinham a missão de conduzir a logística das tropas brasileiras na Europa. Na oportunidade, suas atribuições foram ampliadas, com destaque para as seguintes:

- supervisão do Depósito de Pessoal;
- estabelecimento de ligação permanente com o Exército dos Estados Unidos, no Teatro de Operações do Mediterrâneo, com o Quartel-General das Forças Aliadas, com as autoridades portuárias de Nápoles e com os Postos Reguladores de Caserna e Livorno;
- recebimento e encaminhamento dos suprimentos e contingentes procedentes do Brasil, requisitando os transportes necessários;
- fiscalização do embarque dos evacuados para o Brasil;
- requisição dos transportes aéreos e marítimos para o Brasil;
- estocagem dos gêneros e do material procedentes do Brasil, encaminhando-os à frente, segundo as necessidades;
- manutenção da normalidade e rapidez do serviço de correspondências e encomendas postais; e
- encaminhamento dos doentes e feridos graves aos hospitais norte-americanos.

Embora estivesse com seus interesses voltados para o apoio logístico da FEB, o **General Falconieri** foi encarregado da nobre missão de receber a rendição da 148ª Divisão Alemã, conduzindo, preso, o General alemão **Otto Fretter Pico**.

Retornando ao Brasil, teve a oportunidade de comandar dois Grandes Comandos Administrativos, as 3ª e 4ª Regiões Militares, e de chefiar o Departamento Geral de Administração (DGAdm).

Reformado na patente de Marechal, veio a falecer, no Rio de Janeiro, em 1967.

Em 2007, em reconhecimento aos seus feitos, o Exército Brasileiro, como justa homenagem a essa personalidade de destaque, que se dedicou à logística militar brasileira, concedeu a denominação histórica ao então Departamento Logístico de **Departamento Marechal Falconieri**.

Verde 98,7 Oliva FM

Inaugurada em 12 de junho de 2002, a **Rádio Verde-Oliva** divulga músicas de qualidade, veicula notícias, presta serviços de utilidade pública e informa sobre atividades do Exército e das demais Forças.

Emissora de caráter educativo, está voltada para a difusão do civismo, de princípios e valores essenciais para o fortalecimento da cidadania e da imagem da Força Terrestre.

Em 2009, o Ministério das Comunicações autorizou um aumento de potência de 2,5 kw para 20 kw, expansão essa concluída em 24 de março de 2010. Nessa data, a **Rádio Verde-Oliva FM 98,7** passou a emitir o seu sinal, para todo o Distrito Federal e arredores, com um novo transmissor de 20.000 watts de potência.

A programação da **Rádio Verde-Oliva** também pode ser acompanhada via *streaming* na internet. Acompanhe!

www.verdeolivafm.exercito.gov.br



O EXÉRCITO EM
SINTONIA COM VOCÊ





Guararapes - a origem



II Guerra Mundial - combatendo



Brasília - participação na construção da nova capital

EXÉRCITO BRASILEIRO

Braço Forte - Mão Amiga



"Os exércitos se fortalecem com o sangue de seus heróis"
Haifi, 12 de janeiro de 2010



Futuro - a modernidade



**19 DE ABRIL
DIA DO EXÉRCITO**

